

# A NECRÓPOLE MEGALÍTICA DO TACO (Albergaria-a-Velha)

por

Fernando A. Pereira da Silva \*

## I. INTRODUÇÃO

«et deinde ad MAMOA NIGRA... ad prima Mamoa de iuxte strata, sicut tendit ad FONTE FRIA...»<sup>1</sup>. Assim se refere a Carta do Couto de Osselo, dada por Dona Teresa a Gonçalo Eriz, no ano de 1117<sup>2</sup>, a dois monumentos megalíticos, e que hoje se encontram localizados dentro do concelho de Albergaria-a-Velha, sendo possivelmente a referência mais antiga à existência de monumentos funerários sob *tumulus*, nesta região.

Outros monumentos nos aparecem ainda referidos, em épocas posteriores, em diferentes Autos de demarcação de território, como é, por exemplo o caso da Mamoa de Açores<sup>3</sup> e da Mamoa do Boi<sup>4</sup>. Porém, só com a visita de Leite de Vasconcelos a este concelho, a convite de Patrício Teodoro, onde visitou algumas mamoaas, foram as mesmas tornadas conhecidas de um mais vasto público e merecedoras de notícias detalhadas. Dessa visita deu conhecimento Leite de

---

\* Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro.

<sup>1</sup> Pinho, A. de, (s/d), *Albergaria-a-Velha e o seu concelho*.

<sup>2</sup> A Carta de Couto de Osselo aparece-nos datada da Era de 1155, reportando-se portanto à Era de César, a qual vai vigorar até 15 de Agosto de 1422, altura em que será substituída pela Era de Cristo. Passou-se então a adoptar a nova cronologia, que começa 38 anos depois da Era de César, pelo que, para se conhecer a data em termos de Era de Cristo se tem que subtrair os 38 anos àquela Era, donde a data de 1117.

<sup>3</sup> Auto de Demarcação do Couto do Hospital de Albergaria-a-Velha, de 26 de Julho de 1629, «*Albergaria-a-Velha e o seu concelho*», pp. 26-27.

<sup>4</sup> A Mamoa do Boi aparece-nos referida no Auto de Demarcação de 5 de Setembro de 1792, «*Albergaria-a-Velha e o seu concelho*», pp. 32-34, onde se pode ler o seguinte: «na Mámoa do Boi, aonde está um marco da extinta casa e Ducado d'Aveiro...», ou então, ainda no texto do mesmo Auto, «na Mámoa do Boi aonde está o marco de Serém...».

Vasconcelos, n' O Arqueólogo Português<sup>5</sup>, tanto da Mamoa das Arrôtas ou de Açores, como das mamoas do Taco.

Da notícia, então publicada, passamos a transcrever o texto referente às mamoas do Taco e que diz o seguinte:

«São em número de três... A 1ª é pouco alta, mas de grande diâmetro... A 2ª dista uns decâmetros desta para Norte... À mesma distância, plus minus fica a 3ª...»<sup>6</sup>.

Leite de Vasconcelos notou ainda que em nenhuma delas se observavam os esteios dos dólmenes, os quais, segundo ele «... ou desapareceram, ou jazem enterrados muito fundo» (VASCONCELOS, 1912). Este autor esteve também na base da classificação de um monumento megalítico que, segundo o «Catálogo dos Imóveis Classificados», aparece referenciado como se tratando da Anta de Mamaltar e se localizaria neste concelho<sup>7</sup>. Contudo, não encontramos rasto algum de tal monumento, estando-se mesmo em crer que não se localizará neste concelho mas em alguma das regiões limítrofes<sup>8</sup>.

Os monumentos do Taco aparecem também referidos nas notas de Vera Leisner, conforme informação da Dr<sup>a</sup>. Philine Kalb, do Instituto Arqueológico Alemão<sup>9</sup>.

Toda a documentação a que nos temos vindo a reportar, particularmente a mais recente, é unânime em considerar a existência de três monumentos funerários e não dois, como se observa actualmente. A inexistência de um outro monumento, o n.º 2 de Leite de Vasconcelos<sup>10</sup>, agora limitado a um enrugamento indelével no terreno, deveu-se à grande reflorestação de eucaliptos que a região sofreu nos últimos anos, pelo que a necrópole aparece assim apenas constituída por dois *tumuli*, a pouca distância entre si.

Não é só o repovoamento florestal o responsável, no concelho de Albercaria-a-Velha, pela destruição do património arqueológico. No caso particular das mamoas, o próprio desenvolvimento económico e industrial tem também a

<sup>5</sup> Vasconcelos, J. L. de, (1912), *Mamoas de Albercaria-a-Velha*, «O Arqueólogo Português», XVII, pp. 71-73.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> *Catálogo dos Imóveis Classificados*, p. 9, Lisboa, 1975. Refira-se que no 3º volume da legislação editado pelo Instituto Português do Património Cultural, referente à Arqueologia, lá vem a pp. 123, a classificação como «Monumento Nacional», por Decr<sup>o</sup> de 16/06/10, da Anta de Mamaltar.

<sup>8</sup> Pereira da Costa, refere a existência no Braçal (Concelho de Sever do Vouga) de duas mamoas, a uma das quais é dado o nome popular de «Mamunha de Mamaltar» (PEREIRA DA COSTA, cit. por LEITE DE VASCONCELOS, 1981, 2ª Ed., p. 15).

<sup>9</sup> Segundo informação pessoal quando da visita aos trabalhos de escavação da Mamoa 1 do Taco, a convite do Autor.

<sup>10</sup> *Vd. op. cit.* nota 5.

sua quota parte nessa destruição, como a das mamoadas da Senhora do Socorro<sup>11</sup>, a terraplanagem do *tumulus* da Mamoa do Boi<sup>12</sup>, etc.

Aos dois monumentos do Taco, com a criação ali da Zona Industrial, estava reservada sorte igual, não fosse a pronta intervenção de dois municípios junto das entidades competentes<sup>13</sup>, que desse modo impediram a destruição pura e simples duma parcela do património local.

Foi assim que, em colaboração com a Autarquia, e a convite do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, pôde o Autor levar a cabo o estudo exaustivo dos dois montículos funerários da necrópole. Primeiro numa intervenção de emergência e, posteriormente, num âmbito global de estudo desta necrópole da Bacia do Vouga (Baixo Vouga), a qual compreende dois monumentos singulares, a Mamoa 1 e a Mamoa 3.

Para aquele estudo pudemos contar com o apoio de várias entidades e inúmeras pessoas a quem, na impossibilidade de se agradecer a título individual, queremos expressar o nosso mais sincero reconhecimento, certos de termos contribuído para que uma parcela significativa da herança cultural desta região não caia no esquecimento.

## 2. LOCALIZAÇÃO

A necrópole do Taco está localizada no lugar do mesmo nome, implantada numa chã inscrita na plataforma litoral, a qual entra em contacto, a Norte, com a superfície inferior das montanhas ocidentais, interrompendo-se a ENE, devido à acção do vale do Rio Caima, o qual origina por sua vez um «relevo mais baixo que a plataforma litoral»<sup>14</sup>.

Os *tumuli* que hoje constituem a necrópole<sup>15</sup>, e que se encontram a uma

---

<sup>11</sup> No sopé da Senhora do Socorro, sobranceiras à face da estrada que levava àquele monte, visitámos em 1982 duas mamoadas de grandes dimensões, idênticas às mamoadas do Taco, tendo sido pouco tempo depois destruídas.

<sup>12</sup> A Mamoa do Boi, de que foi terraplanado o *tumulus*, para maior facilidade na plantação de eucaliptos, tem ainda câmara funerária formada por esteios em granito, parecendo tratar-se de uma câmara poligonal, embora muito arruinada. O seu estudo parece-nos que seria do maior interesse, pois é o único monumento conhecido na região que possui esteios em granito, e é um dos poucos monumentos próximos do litoral.

<sup>13</sup> A esses dois municípios se deve o arranque inicial dos trabalhos nas mamoadas da necrópole do Taco, Mamoa 1 e Mamoa 3, Srs. Eng. Rui Tavares e Tiago Paço, este último Topógrafo na Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha.

<sup>14</sup> Segundo Brum Ferreira, tal diferença altimétrica será devida à deslocação da plataforma litoral, originando assim uma área deprimida.

<sup>15</sup> Utilizamos o termo necrópole para designar o conjunto de *tumuli* que foram construídos num espaço reduzido, distando uns dos outros muito pouco. A necropolização deste espaço estava feita pelas mamoadas 1, 2 e 3 do Taco, existindo apenas já só dois túmulos, Mamoa 1 e a Mamoa 3.

altitude média de 140 metros, apresentam como coordenadas geográficas, segundo a C.M.P., Folha 175 — Albergaria-a-Velha, Esc. 1/25000, dos S.C.E. (Est. I), as seguintes:

Mamoa 1: 40° 42' 38" Latitude N.,  
00° 38' 18" Longitude E. Lx.

Mamoa 3: 40° 42' 32" Latitude N.,  
00° 38' 16" Longitude E. Lx.

A superfície de aplanamento em que se deu a necropolização, apresenta-se actualmente repovoada de eucaliptos. Porém, segundo informadores locais, ainda há bem poucas décadas, toda aquela área pertencia a uma quinta agrícola, de bom rendimento, devido aos bons níveis de águas freáticas ali existentes.

Refira-se a propósito que toda esta região é colectora da bacia hidrográfica do Caima que, embora nos meses estivais tivesse um caudal reduzido<sup>16</sup>, originando que a sua rede capilar secasse possivelmente na sua maioria, o facto é que a poucos metros de profundidade a água corre em abundância, pelo que em pouco tempo aqueles arroios recuperariam os seus caudais. Só assim se compreende que as culturas outrora ali praticadas fossem de regadio como o milho, o feijão e a abóbora, só possíveis pela abundância de água.

Analisando, a partir da Carta de Capacidade de Uso Agrícola dos solos, o tipo de terreno do «território» da necrópole, constata-se que o mesmo é de tipo A, portanto de boa capacidade agrícola<sup>17</sup>.

Litologicamente aqueles solos apresentam uma composição derivada de rochas pertencentes ao complexo xisto-grauváquico, de idade Precâmbrico superior terminal, ou Hispaniano (TEIXEIRA, 1980, 1981), as quais se caracterizam por uma composição pouco variada, de grauvaques de grão fino, de matriz quartzo-micácea, e que na região de Albergaria-a-Velha foram atingidos por forte metamorfização, donde o seu aspecto mais característico e mais visível que é a textura barrenta, com uma coloração que varia entre os tons amarelos e avermelhados. A tal processo resistiram os quartzos que aparecem em grande quantidade, na forma de nódulos de médio a grande tamanho, apresentando-se não poucas vezes incrustados no xisto.

Tais quartzos formam maioritariamente a matéria-prima utilizada pelos construtores dos túmulos, sendo contudo as câmaras funerárias construídas com

---

<sup>16</sup> Não sendo um curso de água de grande caudal, com a sua nascente na Serra da Freita, é bem possível que durante os meses estivais aquele diminuísse, levando em muitos casos, à seca pura e simples dos arroios que o compunham.

<sup>17</sup> Segundo a Carta de Capacidade de Uso Agrícola dos Solos, Esc. 1/1.000.000, SROA, 1971.

esteios em xisto, particularmente no que diz respeito à Mamoa 1 do Taco, em que foram utilizadas lajes de grande tamanho e espessura, as quais não existindo no local imediato, terão sido transportadas do Monte da Senhora do Socorro, o único sítio, mais próximo, onde tal matéria-prima aflora<sup>18</sup>, tornando-se fácil a sua extracção.

No espaço ocupado pela necrópole não é visível afloramento algum de xisto, donde o recurso à Senhora do Socorro, primeiramente conhecida como Pedra da Águia<sup>19</sup>, assim como Bico do Monte<sup>20</sup>.

Em toda aquela área há a registar o grande assoreamento que aí se verifica, como a escavação das mamoas não deixaria de revelar, o que modelou e relevou o tamanho dos montículos funerários, escondendo-os sob espessa camada de terra saibro-argilosa.

Uma última referência nos merece o espaço necropolizado do Taco e que se prende com a fauna e a flora que aí terá existido, contemporaneamente aos monumentos. Tanto para um caso como para o outro, não dispomos de dados para a época. Contudo, no que diz respeito à fauna, algumas ilacções podemos retirar, socorrendo-nos das referências que encontramos na Carta de Couto de Osselo<sup>21</sup>. Verificamos aí a existência de uma grande variedade de animais como veados, corças, gamos, ursos e coelhos<sup>22</sup>. As aves referenciadas nesse documento são: açores, gaviões e bufos<sup>23</sup>.

Estas indicações são de grande utilidade pois dão-nos a conhecer a riqueza faunística da região, a qual não diferiria muito da que existiria na época em que foram construídos os *tumuli*. Já para a vegetação os dados são praticamente nulos pois, com o repovoamento florestal intensivo, nada resta do manto vegetal inicial, se exceptuarmos um ou outro pequeno carvalho.

Com tais condições, toda a região englobada na superfície aplanada do Taco e áreas limítrofes, apresentava óptimos recursos para a instalação humana, de que para além dos monumentos sepulcrais nada mais nos chegou, desconhe-

---

<sup>18</sup> De um modo geral, toda a plataforma litoral onde estão implantados os montículos funerários, apresenta um subsolo muitíssimo metamorfozido que, tanto se pode verificar nos cortes abertos com a construção dos ramais de acesso à IP 5, como nos pontos mais localizados sob as mamoas.

Na Senhora do Socorro, em contrapartida, existem afloramentos de xisto, sendo o local mais próximo do sítio de implantação dos monumentos, donde se nos afigurar que terá sido daí que saíram as «lousas» para a construção daquelas estruturas (mais a sul, já no concelho de Águeda, em Serém de Baixo, junto do Mosteiro, existem também afloramentos da mesma matéria-prima, de que os construtores do Mosteiro se serviram abundantemente).

<sup>19</sup> *Vd. Op. cit.* nota 1.

<sup>20</sup> *Idem.*

<sup>21</sup> *Idem.*

<sup>22</sup> *Idem.*

<sup>23</sup> *Idem.*

cendo-se por completo a localização dos habitats dos construtores destes espaços deposicionais mortuários e, mesmo estes, apresentaram-se parcos em informação sobre o assunto.

Numa abordagem inicial da necrópole, no relacionamento dos monumentos entre si, não parece verificar-se hierarquização alguma do espaço já que qualquer dos monumentos está suficientemente afastado um do outro para que se fale da existência de satelitização. Distribuindo-se sensivelmente em linha recta, numa direcção NNW-SSE, salta claramente à vista que é maior o montículo que ocupa o centro (Mamoia 1 do Taco), enquanto a Mamoia 3 se posiciona ligeiramente a SSE, a pouco mais de 100 metros (distância sensivelmente a mesma a que se encontraria, caso ainda existisse, a Mamoia 2 do Taco, a NNW da Mamoia 1).

Curiosamente não parece que fosse a maior a ocupar o ponto mais elevado na plataforma litoral no Taco, mas a Mamoia 2, a que se lhe seguia por sua vez a 1 e por fim a Mamoia 3 (Est. II).

Em qualquer dos casos, todos os monumentos funerários da necrópole estão sobranceiros a terrenos potencialmente agrícolas que, a Este, estão a menores altitudes e são irrigados por um dos arroios da Ribeira de Albergaria-a-Velha, afluente da margem direita do Rio Vouga.

Só com a escavação dos dois montículos foi possível um melhor conhecimento da necrópole. Pena que não tenha sido viável o estudo do monumento destruído pois permitiria um conhecimento mais aprofundado, em ordem a uma análise cronológico-cultural dos montículos entre si e das populações que os construíram.

Se ambas as escavações revelaram dados interessantes para a problemática suscitada por estas construções funerárias, não é menos verdade que continuamos a ter uma informação truncada sobre as comunidades humanas construtoras de megálitos, a que só a investigação continuada poderá ajudar a preencher tais lacunas.

### 3. METODOLOGIA GERAL UTILIZADA NO ESTUDO DA NECRÓPOLE

No estudo da necrópole megalítica do Taco recorreremos a uma metodologia geral que, correntemente, aplicamos ao estudo das áreas deposicionais sob *tumulus*, a qual foi pioneiramente divulgada entre nós por Vítor Oliveira Jorge<sup>24</sup>, nos seus trabalhos sobre o Megalitismo do Norte de Portugal, quando a utilizou pela

---

<sup>24</sup> Jorge, V.O., (1978), *Escavação de um túmulo megalítico: problemas metodológicos*, «Setúbal Arqueológica», IV, pp. 241-254.

primeira vez, e ainda a título experimental, numa mamoa da Serra de Campelos<sup>25</sup>.

Tal método generalizar-se-ia em seguida à grande maioria dos monumentos escavados tanto no Norte do País como em outras regiões, pela mão de todos os investigadores que «cursaram» a «Escola da Serra da Aboboreira»<sup>26</sup>, confirmando-se assim a grande virtualidade da metodologia ensaiada primeiro, e aplicada sistematicamente depois, por aquele Pré-historiador.

Em linhas gerais, aquela metodologia a que também recorreremos nos nossos trabalhos<sup>27</sup>, e aqui aplicamos ao estudo dos *tumuli* da necrópole do Taco, consiste em dividir a massa tumular a partir de dois eixos perpendiculares, intersectando-se centralmente no montículo, a partir dos quais se marcam as áreas a escavar, com dois metros de lado, formando-se assim quatro quadrantes dos quais se escavam dois alternos, nas sanjas com dois metros de lado (Est. III).

Tais sanjas de escavação apresentam a particularidade (é aqui que quanto a nós reside a grande virtualidade deste método de escavação por quadrantes<sup>28</sup>) de permitirem leituras planimétricas e estratigráficas, facilitando uma mais correcta articulação entre as áreas escavadas e as estruturas existentes no terreno, sem necessidade de uma escavação integral, deixando-se para futuros investigadores o «testemunho» suficiente já que o objecto de estudo não foi destruído<sup>29</sup>.

Refira-se ainda que ambos os eixos ortogonais são previamente orientados pelos pontos cardeais, permitindo uma melhor referenciação dos vestígios arqueológicos, que são registados tridimensionalmente, segundo as coordenadas cartesianas X, Y, Z, em que Z representa a profundidade, tomada a partir de um nível zero 0, estabelecido arbitrariamente e que será posteriormente reconvertido em função das cotas altimétricas, obtidas então para a elaboração da planta de

<sup>25</sup> Como foi amplamente noticiado pelos jornais de então, com particular destaque para o Jornal de Notícias (JN, 31/08/1976).

<sup>26</sup> No campo Arqueológico da Serra da Aboboreira formaram-se vários investigadores, em domínios diferentes, sendo de destacar particularmente para o Megalitismo, os nomes de Ana Leite da Cunha, António Huet de B. Gonçalves, Domingos de Jesus Cruz, Eduardo Jorge Lopes da Silva, Fernando A. Pereira da Silva e Maria de Jesus Sanches e, mais modernamente, Isabel Figueiral, Joel Cleto e Margarida Moreira.

<sup>27</sup> Cf. *A Mamoa 2 da Serrinha. Serra da Aboboreira (Baião)*, «Arqueologia», 6, pp. 19-31; *Escavação da Mamoa 3 de Chã de Parada-Serra da Aboboreira, concelho de Baião, 1982-1983*, «Arqueologia», 11, pp. 39-51; *Escavação da Mamoa 2 da Alviada (Alviada) — Escariz. Arouca 1984*, «Arqueologia», 15, pp. 77-91, apenas para citar os primeiros trabalhos em que utilizamos tal metodologia.

<sup>28</sup> Embora seja um método conhecido desde já algumas décadas, só se generalizaria a partir de 1978, altura em que entra em funcionamento o Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira, dirigido pelo Dr. Vítor Oliveira Jorge. Aquele método aparece referido pela primeira vez no livro de Clark, publicado em 1939, intitulado «Archaeology and Society», Esta obra inovadora para a época, seria traduzida para português, em 1966, e editado pela Editora Almedina, de Coimbra.

<sup>29</sup> Sendo toda a escavação uma destruição, pois não é possível refazer o trabalho realizado, este método de não escavar a totalidade do montículo, permite a realização em qualquer altura de reestudos.

curvas de nível, com equidistâncias de 10 cm.

Tal registo cartesiano dos vestígios arqueológicos, os quais são referenciados nas folhas de levantamento planimétrico, correspondente aos diferentes níveis horizontais escavados, permite uma correcta localização de cada artefacto ou outro vestígio, no espaço, possibilitando em alguns casos leituras diacrónicas, donde ser da maior importância a realização de registos de todo e qualquer testemunho que venha a ser descoberto durante a escavação, evitando-se por este meio uma perda irreparável de informação que, de outro modo, não deixaria de ocorrer.

Com a finalidade de simplificar o registo faz-se corresponder a cada quadrícula das sanjas de escavação uma letra e um número, como exemplificamos na estampa III. Tal base de ordenação letra/número, é ainda de grande utilidade quando há que abrir novas áreas de escavação, fora das sanjas, pois permite uma fácil localização daquelas, evitando-se as confusões desnecessárias e complicativas, com a adulteração dos dados.

No estudo dos *tumuli* da necrópole do Taco, embora em linhas gerais tenhamos recorrido à metodologia que, sucintamente, temos vindo a descrever, a nível particular criaram-se algumas variantes de acordo com as exigências postas pelos monumentos. Assim, enquanto que para a Mamoa 1 utilizamos uma escavação basicamente em quadrantes, para a Mamoa 3 o método foi a abertura de duas sanjas que se cortavam no centro monticular, formando uma cruz latina.

Em ambos os monumentos, a abertura somente da área correspondente às sanjas de escavação, não foi suficiente, quer porque as estruturas internas se distribuíssem por uma área maior do que aquela que supuséramos, como se constatou na Mamoa 3, quer ainda porque a estrutura interna se encontrasse descentrada em relação ao montículo ou este, devido às várias violações sofridas, apresentasse uma cratera de violação que levava ao engano quanto ao verdadeiro centro tumular por onde iriam passar os eixos ortogonais, delimitadores da área de escavação, como aconteceu com a Mamoa 1.

Temos assim que no caso da Mamoa 1 do Taco, além das sanjas de escavação foram ainda abertas as quadrículas H7 e H8, no quadrante Oeste-Sudoeste e a quadrícula I9, no quadrante Norte-Nordeste, ficando deste modo alargada a área ocupada pela câmara funerária, o que permitiu um melhor estudo da mesma.

Na escavação da Mamoa 3 do Taco, para além da área escavada previamente definida, houve a necessidade de proceder a um maior alargamento daquela visto o *tumulus* cobrir todo um complexo estrutural que importava analisar em toda a sua amplitude. Deste modo foi aberta a Oeste uma área compreendendo as quadrículas G7 e H7 e, a Este, foi também criada uma outra área de inter-

venção, maior que a precedente, formada pelas quadrículas G9, H9, G10, H10, G11 e H11.

Estas novas zonas de decapagem foram tratadas como unidades informativas, de modo igual às restantes áreas de escavação.

Ainda no capítulo da metodologia utilizada refira-se que, tanto na Mamoa 1 como na Mamoa 3, foram deixadas zonas terminais das sanjas de escavação por decapar até à rocha de base. Tais sectores terminais ficaram a servir de testemunho arqueológico informativo da estrutura dos monumentos, facilitando a sua compreensão, e são os seguintes: na Mamoa 1, os trechos terminais das sanjas Este e Sul e na Mamoa 3, os das sanjas Este e Oeste.

#### 4. ESTUDO ARQUEOLÓGICO DA NECRÓPOLE

O estudo arqueológico dos dois monumentos funerários sob «*tumulus*» e que constituem a por nós designada «necrópole do Taco», foi desenvolvido em duas fases, que correspondem *grossa modo* às campanhas de escavação então realizadas, de que uma de emergência, foi amplamente noticiada pelos jornais<sup>30</sup>.

Com o estudo do segundo monumento (Mamoa 3), teve-se como objectivo, principalmente, o estudo exaustivo daquela necrópole, de maneira à obtenção de dados que nos permitam um melhor conhecimento do megalitismo da Bacia do Vouga, nas suas relações com as regiões mais continentais, nomeadamente a região do Alto Paiva<sup>31</sup>.

Complementarmente a tal objectivo procurou-se com a nossa intervenção, originar todo um movimento tendente à salvaguarda daqueles monumentos, chamando a atenção para o perigo que o património arqueológico está a correr na região onde, a par de um grande surto industrial, existe uma forte implementação de repovoamento florestal com eucaliptos<sup>32</sup>.

Na descrição que passaremos a fazer das intervenções arqueológicas e dos dados obtidos em cada uma das sepulturas, referir-nos-emos a cada uma individualmente e de forma exaustiva, só depois se procedendo a uma análise global da necrópole, no contexto do megalitismo a sul do Rio Douro: Bacias do Vouga e Alto Paiva, procurando o estabelecimento de relações cronológico-culturais que porventura possam existir para o megalitismo de toda esta região (Est. IV).

<sup>30</sup> Cf. o Jornal de Notícias de 17 de Setembro de 1985, a título de exemplo.

<sup>31</sup> Estamos a referir-nos aos monumentos que nos últimos anos temos escavado naquela região, mais concretamente no concelho de Arouca.

<sup>32</sup> A necessidade crescente de biomassa está na origem da plantação em grandes áreas do País, de eucaliptos, pelo rápido rendimento que propiciam, o que tem contribuído para que o património esteja a ser constantemente ameaçado e mesmo destruído, pela utilização de maquinaria pesada.

## 4.1. As Mamoas

### 4.1.1. A Mamoa 1 do Taco

#### 4.1.1.1. Estrutura do *tumulus*

Referindo-se a este monumento já Leite de Vasconcelos apontava a sua pouca altura mas, em contrapartida, o seu grande diâmetro (VASCONCELOS, 1912).

Na realidade, contrariamente a outros montículos congéneres, a Mamoa 1 do Taco não apresenta um perfil em calote esférica, assemelhando-se mais a um tronco de cone em que os coelhos criaram os seus inúmeros habitats. O aspecto geral era o de um montículo de terra, muito remexido, com grande negativo de violação central e, por toda a superfície, inúmeros fragmentos de lajes de xisto e quartzos leitosos, deixando antever o estado de destruição que o mesmo conteria no seu interior, com o previsível arrasamento do espaço deposicional funerário.

Planimetricamente este *tumulus* tem planta sub-circular, com um diâmetro com cerca de quarenta metros e destaca-se do solo natural pouco mais de um metro (Est. V).

Depois de todos os procedimentos iniciais, a que já nos referimos a páginas precedentes, foram as sanjas de escavação decapadas, sendo o resultado obtido, o de um *tumulus* sem couraça de cobertura alguma, em sentido lato, como se conhece para outros monumentos tumulares, existindo apenas um empedrado nas áreas periféricas, terminais, das sanjas de escavação.

Tal empedrado distinguia-se claramente das várias pedras soltas que, no resto das sanjas se podia observar, pelo que nos parece que este montículo não teve cobertura integral mas sim, e limitado à periferia, um anel de pedras com função de conter as terras da mamoa, um verdadeiro anel de contenção periférica, idêntico ao de outros monumentos funerários (Est. VI)<sup>33</sup>.

A abertura das sanjas de escavação, apenas nos sectores Norte e Oeste<sup>34</sup>, após a desmontagem prévia dos elementos líticos, tanto formativos do anel de contenção, como aqueles blocos soltos que nelas se assinalaram, permitiu uma leitura vertical da composição da massa tumular. Tal leitura é porém de grande simplicidade já que não são discerníveis camadas estratigráficas algumas, apenas existindo um único e compacto nível terroso, de coloração amarelada e

<sup>33</sup> Silva, F.-A.P., (1989), *Mamoa 1 do Calvário. Escariz-Arouca*, «Arqueologia», 19, pp. 72-84.

<sup>34</sup> Nos restantes dois sectores apenas se abriram em parte as sanjas de escavação, de maneira a deixar testemunhos da estrutura construtiva do túmulo, pois era nesses sectores, Este e Sul, que o anel de contenção periférica se encontrava melhor conservado.

textura saibro-argilosa, encimado por uma camada de terra humosa superficial, pouco espessa (Est. VII).

Nos cortes então obtidos, não foi assinalável existência alguma de nível de pedras que pudesse ser representativo da couraça de cobertura do montículo, parecendo deste modo confirmar-se a inexistência daquela, a qual se confinava à periferia.

A escavação nas sanjas mostrou ainda que o *tumulus* propriamente dito, era pouco elevado, menos ainda do que o que nos era dado observar, com uma altura actual de 2,20 metros (medição efectuada desde a rocha de base até ao topo superior das terras humosas superficiais). Tal altura testemunha a grande sedimentação que toda a área onde se localiza o monumento, e ele próprio, sofreram ao longo do tempo o que, pese embora a compactação sofrida, o relevou, ao contrário do que observamos em outros monumentos que aparecem como que «apagados» na paisagem<sup>35</sup>.

Apesar de toda a sedimentação natural que se pôde observar na Mamoa 1 do Taco, e que tornou este monumento o maior da necrópole, ele deveria impôr-se indubitavelmente na paisagem. Mesmo se tomarmos como dimensões-limite a massa terrosa compreendida dentro do anel de contenção periférica, teremos um montículo com cerca de trinta metros de diâmetro e uma altura acima do solo primitivo, entre os 0,80 e os 1,80 metros (esta amplitude métrica deve-se às irregularidades que o montículo apresenta).

#### 4.1.1.2. O espaço deposicional funerário

Embora a Mamoa 1 do Taco se apresente com evidentes sinais de ter sofrido várias e acentuadas violações<sup>36</sup>, mostrou conter no seu interior um espaço deposicional funerário constituído por uma câmara megalítica com um corredor curto, tudo muito destruído, como se verá de seguida.

##### 4.1.1.2.1. A câmara funerária

A câmara megalítica apresentava-se à primeira vista como um espaço caótico, com grande quantidade de fragmentos de lajes de xisto e alguns nódulos de quartzo leitoso, de dimensões médias e grandes, dispostos um pouco por todo

<sup>35</sup> Caso da Mamoa 2 da Serrinha, na Serra da Aboboreira, entre outros. *Vd. op. cit.* nota 27.

<sup>36</sup> Por toda a superfície do montículo, com particular destaque para a zona central, eram visíveis negativos de violação, a que variadíssimas luras de coelho contribuíam para dar um aspecto de enorme revolvimento.

o lado (Est. VIII).

Também foram assinalados grandes blocos de xisto, tombados para o centro do que parece ter sido um espaço por eles definido, notando-se apenas a existência de um esteio *in situ* que, como ficaria comprovado, não pertencia à câmara mas ao corredor da mesma. Deste modo, a estrutura dolménica principal apresentava-se no geral, completamente destruída porém, as decapagens viriam a revelar que as bases dos esteios tombados se encontravam no seu lugar o que iria permitir a reconstrução da câmara funerária (Est. VIII – 2), ainda que daquele espaço deposicional apenas se tivessem assinalado três lajes.

Apenas em um caso os construtores não abriram qualquer vala para a colocação de esteios, pelo que por certo ele se apoiaria nos outros, formando um conjunto a que a tampa, de que não encontramos vestígio algum, daria a robustez e a segurança necessárias. Os esteios da câmara apresentam as seguintes dimensões:

Est. 1 — altura 1,72 m; largura 1,20 m; esp. média 0,20 m;

Est. 2 — altura 1,67 m; largura 1,17 m; esp. média 0,12 m;

Est. 3 — altura 1,43 m; largura 0,81 m; esp. média 0,18 m<sup>37</sup>.

Todos estes esteios da câmara são em xisto, o qual não se apresenta metamorfozido, desprendendo-se facilmente grandes lâminas ou «lousas» que o tornam muito frágil, sendo facilmente destruído e reduzido a lascas finas. Esta matéria-prima não ocorre no local onde o monumento foi construído, estando a sua origem situada no Monte da Senhora do Socorro, que dista do Taco cerca de 3 quilómetros, em linha recta.

Ainda em relação ao espaço definido pelas lajes, como pelo que restava de uma outra e pela vala de um esteio, verificamos que a sua planta seria poligonal, ligeiramente alongada, orientada segundo um eixo Oeste-Noroeste/ Este-Sudeste. O seu interior apresentava-se a um nível mais afundado do que a área circundante exterior, formando uma depressão que poderá estar ligada às violações sofridas pelo monumento, embora tenha sido nessa depressão, coberta com fina camada de areia, que se assinalou a generalidade do espólio funerário.

---

<sup>37</sup> Na planta da área deposicional funerária, a ordenação dos esteios constituintes, segue uma ordem segundo os ponteiros do relógio, começando-se pelo primeiro esteio lateral esquerdo, o qual tanto pode ser a primeira e única laje de um corredor incipiente, como um esteio da câmara mortuária, a qual se estreita neste ponto. Como procuramos valorizar a existência de um possível corredor, distinguimos neste texto os dois esteios do mesmo e os esteios da câmara, sendo a correspondência à planta, a seguinte: aos esteios 1, 2 e 3 do texto, correspondem os esteios da planta, numerados respectivamente de 2, 3 e 4; em contrapartida, os esteios do corredor, numerados no texto, 1 e 2, em planta têm o número 1 e 5.

Particularidade digna de referência é o facto de os construtores deste monumento não terem dotado a câmara sepulcral de uma qualquer estrutura de contrafortagem, o que poderá encontrar explicação provável, no tipo de solo em que foi construída a área deposicional, o qual tem uma composição de tal modo argilosa que, quando seco, tem a consistência da argamassa (Est. IX).

Para uma melhor vedação do espaço definido pelos esteios, foram colocadas pequenas lajes de xisto nas junções entre aqueles, evitando deste modo as infiltrações, tanto de terras como de animais, tornando deste modo a câmara funerária, hermética, a que só se podia aceder pelo estrangulamento a Este-Sudeste.

#### 4.1.1.2.2. O corredor

Um estrangulamento a Este-Sudeste, na câmara funerária, marcado por dois esteios de xisto, um de cada lado (Est. X – 1), parece definir um corredor incipiente. Este corredor apercebe-se melhor em planta do que em alçado, já que aí se observa claramente essa entrada delimitada pelas duas lajes em xisto, ainda que em alçado haja algumas diferenças que se prendem com o tamanho dos restantes esteios, que têm as seguintes dimensões:

Est. 1 — altura 1,46 m; largura 0,74 m; esp. média 0,09 m;

Est. 2 — altura 1,32 m; largura 1,10 m; esp. média 0,24 m<sup>38</sup>.

Como se verifica pelas dimensões, os esteios do corredor apresentam menores dimensões em média, do que as lajes formativas da câmara funerária.

A entrada de acesso ao interior da câmara apresentava-se fechada na sua metade inferior, com uma laje plana, muito fina, com umas dimensões sensivelmente de 0,50 m. de altura, 0,60 m. de largura e uma espessura de pouco mais de 0,12 m. Esta laje parecia assim bloquear a entrada do pequeno corredor porém, como todo o *tumulus* no seu interior, estava completamente revolvido e já desde épocas recuadas (a existência de um grande fragmento de *tegula* incrustada no fundo da vala de um esteio, parece disso ser testemunho), não podemos afirmar da intencionalidade da colocação daquela laje.

Este corredor que parece «abrir-se» para o interior da câmara funerária, não deve ter tido qualquer utilização funcional, por duas ordens de razões, de que a primeira é a reduzida altura das lajes em xisto que o constituem, que não facilita a circulação de quem quer que seja e, a outra, tem a ver com toda a arquitectura do montículo funerário.

<sup>38</sup> Cf. nota 37.

Pelo que nos foi dado observar, não há prolongamento algum deste pequeno corredor para a periferia, pelo que ele ocupa sensivelmente o centro daquele montículo, ficando completamente coberto pelo mesmo, donde nos parece que este «corredor» é mais fictício que real, estando-se antes em presença de uma área deposicional poligonal alongada, no sentido Oeste Noroeste/Este-Sudeste, com abertura voltada a Este-Sudeste, a qual é marcada por dois umbrais que lembram, hipoteticamente, um corredor, ainda que pareçam não ter tido tal função (Est. X – 1).

À semelhança do verificado para a câmara funerária, não assinalámos vestígio algum da cobertura deste «corredor», parecendo-nos que todo o espaço deposicional deveria ser coberto apenas com uma grande laje, ao modo das «cistas»<sup>39</sup>.

#### 4.1.1.3. A arte parietal

Durante os trabalhos de escavação da área deposicional funerária coberta pelo *tumulus* 1 da necrópole do Taco, e como fosse necessário levantar o esteio nº 2, quer para decapar as terras que sob ele se tinham acumulado, quer para proceder ao restauro da câmara funerária, foram assinalados motivos simbólicos-decorativos, gravados, preenchendo a metade superior daquele esteio (Est. X – 2, XI).

Tal motivo distribui-se numa sucessão de quatro gravuras que, no essencial, se repetem e se distribuem sequencialmente, de cima para baixo e da esquerda para a direita, assim discriminados:

*Gravura 1* — esta primeira gravura é constituída por quatro semi-círculos pseudo-concêntricos, de que o primeiro se apresenta incompleto, pois falta-lhe parte do arco, sendo a sua forma menos aberta que os outros dois, estando mais próxima do U ou mesmo do V invertidos. Com uma aparência mais claramente de V invertido é o quarto semi-círculo. Nesta gravura, enquanto os semi-círculos arrancam todos, sensivelmente, ao mesmo nível, do lado esquerdo, o mesmo não acontece do lado direito, em que os «arcos» 1 e 3 se alongam.

A técnica utilizada para a realização desta gravura foi o picotado, obtido com um utensílio possivelmente não metálico, sendo a junção dos diversos picotados que dá em resultado a gravura, donde uma certa irregularidade no traçado dos diversos componentes.

---

<sup>39</sup> Na realidade, o espaço definido pelos esteios não é de tal modo amplo que justificasse uma diferenciação na sua cobertura, sendo bem mais plausível que toda a área deposicional fosse coberta com apenas uma única laje, a qual por certo seria na mesma matéria-prima que os esteios da câmara, o xisto.

*Gravura 2* — a segunda gravura, imediatamente abaixo da anterior e ligeiramente à sua direita, parece ocupar o centro da composição. Podem-se distinguir quatro semi-círculos pseudo-concêntricos mas em que o seu traçado se apresenta mais regular que no da gravura anterior e nas duas seguintes. O quinto semi-círculo apresenta uma configuração em U, de braços desiguais, como os restantes «arcos», tendo a particularidade de, partindo do centro, se prolongar uma linha sub-vertical, que sai para além da gravura.

Também nesta, a técnica utilizada foi a da picotagem, aproximando-se o cuidado posto na sua realização da primeira gravura, sendo esta contudo de feitura mais cuidada.

*Gravura 3* — é constituída por quatro semi-círculos pseudo-concêntricos, também de braços desiguais mas com a particularidade de tal dissimetria ser alternada ou seja, no primeiro arco o braço maior é o esquerdo, no segundo é o direito e, no terceiro, volta a ser o esquerdo. Quanto ao quarto semi-círculo, tem a aparência de um U invertido e alongado, de braços sensivelmente iguais.

A gravura apresenta-se imediatamente abaixo da nº 2 mas, ao contrário desta, como da nº 1, é oblíqua ao eixo do suporte, assim como aos eixos das duas gravuras que lhe ficam imediatamente acima.

Também foi realizada à base de picotagem do suporte, o xisto. Na sua feitura parece ter havido pouco cuidado, já que o traço do gravado se apresenta de grande irregularidade, dificultando a sua leitura, seja porque o utensílio utilizado na realização do picotado fosse mais grosseiro que o utilizado para as gravuras 1 e 2, ou então porque o artista se encontrava menos seguro na realização da gravura, o que põe desde logo a possibilidade de as quatro gravuras não terem tido um só executante.

*Gravura 4* — paralela à gravura anterior, está como ela também em posição oblíqua. É constituída apenas por três semi-círculos pseudo-concêntricos, bastante afastados entre si e apresentam uma aparência de U invertidos, alargados, em que os braços são sensivelmente iguais.

Na execução desta gravura, o pouco cuidado ou a menor habilidade, é bastante clara, como assinalámos para a gravura anterior, com um picotado muito grosso e desigualmente repartido. Curiosamente parece pertencer ao mesmo estilo, com as mesmas características estilísticas, que a gravura anterior.

Numa análise global e sucinta das quatro gravuras que foram realizadas na face interna do esteio nº 2, parece assinalar-se dois grupos distintos de gravados, o que poderia apontar para a existência de dois momentos diferentes de gravação, pela participação de dois artistas diferentes. Refira-se que as gravuras nº 3 e nº 4 têm um ar mais diluído que as nº 1 e nº 2, embora isto possa não ser significativo.

Contudo, pensamos ser de tomar em linha de conta com estes aspectos que poderão ter a ver com a reutilização de uma laje e uma nova gravação.

Numa observação detalhada dos gravados, parece notar-se sobreposição, com a gravura nº 3 a ser já realizada com a nº 2 gravada no esteio, o que poderá apontar para a anterioridade das duas primeiras gravuras sobre as segundas. De qualquer modo, o autor ou autores das gravuras nº 3 e nº 4, não mutilaram a gravura nº 2, que lhes fica imediatamente acima, o que poderá ser significativo da existência de um mesmo significado ainda não perdido, na altura em que foram realizadas as gravuras hipoteticamente mais tardias.

#### 4.1.1.4. O Espólio funerário

O espólio revelado pela escavação da Mamoa 1 do Taco, distribui-se entre os artefactos de pedra polida e os de pedra lascada, além de outros elementos líticos. A cerâmica está apenas representada por dois fragmentos (Est. XII).

Vários fragmentos de cerâmica moderna foram ainda assinalados nas terras da violação.

##### 4.1.1.4.1. Artefactos líticos

1 — geométrico triângulo isósceles, em sílex, assinalado nas terras do interior da câmara, sob o esteio nº 5. Dimensões: comprimento 2,5 cm; largura 0,9 cm; espessura 0,3 cm (Est. XII. 1).

2 — geométrico segmento, em sílex, assinalado nas terras do interior da câmara, sob o esteio nº 5. Dimensões: comprimento 3,2 cm; largura 1,2 cm; espessura 0,3 cm (Est. XII. 2).

3 — lâmina em sílex, assinalada no interior da câmara, sob o esteio nº 1. Dimensões: comprimento 4,1 cm, largura 0,9 cm; espessura 0,2 cm (Est. XII. 3).

4 — lâmina em sílex, assinalada nas terras do interior da câmara, sob o esteio nº 5. Dimensões: comprimento 6,8 cm; largura 1,2 cm; espessura 0,25 cm (Est. XII. 4).

5 — enxó em xisto anfibólico, de superfícies inteiramente polidas, de perfil triangular e secção sub-rectangular. Foi assinalada sobre a alterite de base. Dimensões: comprimento 12,5 cm; largura média 3,3 cm; espessura média 2 cm (Est. XII. 5).

6 — dois cristais de rocha, de secção prismática, sem vestígios de utilização. Um deles assinalado na alterite de base, junto do esteio nº 2 e o outro no interior de uma vala de esteio, juntamente com um fragmento de tegula (Est. XII. 6,7).

7 — dois moinhos manuais moventes, em granito, um deles fracturado e um moinho manual dormente, também em granito, encontrados nas terras de violação.

#### 4.1.1.4.2. Cerâmica

1 — fragmento de recipiente cerâmico, de forma globular, de pasta castanha-clara, com e. n. p. de grão fino. Foi encontrado no interior da câmara, sobre um nível de terra revolvida (Est. XII. 8).

2 — fragmento de recipiente cerâmico, de parede sub-vertical, de pasta castanha-avermelhada, com e. n. p. de grão fino. Apresenta a superfície externa com negro de fumo. Assinalado junto do fragmento de vaso referido acima (Est. XII. 9).

### 4.1.2. A Mamoa 3 do Taco

#### 4.1.2.1. O *tumulus*

Localizado a pouca distância, sensivelmente a Sul, da Mamoa 1 do Taco, este montículo apresenta uma planta sub-circular, muito abatida, particularmente no sector voltado a Sul. Tem um diâmetro de trinta e um metros, sensivelmente (Est. I, Est. XIII).

A sua altura acima do solo actual é menor que a daquele outro *tumulus*, pouco se destacando na paisagem, com os seus cerca de 0,60 metros de altura.

Também a superfície aplanada do seu topo contribuía para lhe dar uma menor imponência.

Superficialmente eram visíveis vários negativos de violação, alguns dos quais modernos, testemunhados pelos inúmeros fragmentos cerâmicos de recipientes modernos (numa lura de coelho que atravessava o montículo, foi mesmo assinalado um pote em barro, com asa em fita).

A decapagem das sanjas de escavação revelou que à profundidade média de cerca de 0,60 m, existiam troços de uma estrutura pétreia de cobertura, embora em grave estado de destruição. Os seus elementos formativos, maioritariamente em quartzo leitoso com algumas lascas de xisto à mistura, dispunham-se de forma anárquica, mesmo nos pontos melhor conservados (Est. XIV), razão pela qual consideramos com algumas reservas a possibilidade de ter existido uma carapaça que envolvesse por completo o *tumulus*. Tal hipótese não é contudo de excluir pois no corte Norte-Noroeste/Sul-Sudeste ela aparece-nos documentada, embora só cobrindo o sector terminal desse corte (Est. XV).

Estruturalmente, aquela cobertura é formada por blocos quartzíticos de médio e grande tamanho, pousados directamente sobre a massa tumular, sendo os intervalos preenchidos com nódulos de quartzo leitoso de menor tamanho, misturados com fragmentos de lajes de xisto.

O fecho desta possível couraça é feito através de um anel de grandes blocos de quartzo e lajes de xisto de dimensões médias, fincadas no solo, em posição oblíqua, formando-se assim um anel de contenção periférica. Este anel ficava incluído no montículo, sendo posteriormente coberto pela carapaça de pedra, que envolveria eventualmente a totalidade da mamoa.

Tais características permitem relevar os diferentes aspectos funcionais de que se revestem estas estruturas externas, as quais, se por um lado podem ter como objectivo impedir o efeito de ravinagem das terras, por outro não custa admitir que, tendo em atenção o tipo de matéria-prima utilizada, o quartzo leitoso, terá havido também a intenção de tornar este monumento melhor observável de longa distância, tanto mais que se apresentava volumetricamente menor que a Mamoa 1.

Tendo em atenção este último aspecto, deparamos com uma situação que, a ser verdadeira, é pelo menos original em monumentos tanto a Norte como a Sul do rio Douro: existência de um forte espessamento (em média atinge os cerca de 0,50 m), que também já tínhamos assinalado para a Mamoa 1, e que se poderá dever a causas naturais, embora não seja de excluir uma origem antrópica para aquela «sedimentação». Lamentavelmente a estratigrafia não pode ajudar a esclarecer este aspecto, pelo que deixamos aqui apenas a referência<sup>40</sup>.

Na realidade, uma leitura vertical da massa tumular, como se pode constatar nos cortes Norte-Noroeste/Sul-Sudoeste (Est. XVI – 1) e Oeste-Noroeste/Este-Nordeste (Est. XVI – 2), nada nos diz quanto à sua organização, devido à grande homogeneidade que aí se observa, distinguindo-se apenas uma maior ou menor compacticidade.

Se tomarmos os limites definidos pelo anel de contenção periférica, mais reforçada surge a ideia de que a «sedimentação» foi intencional: o diâmetro do *tumulus* é de cerca de vinte e seis metros, o que dá um diâmetro de menos de cinco metros em relação ao diâmetro da mamoa.

#### 4.1.2.2. Espaços deposicionais funerários

A escavação da Mamoa 3 do Taco mostrou-nos a existência de um complexo estrutural a nível da área reservada às deposições mortuárias. Pois, além de um espaço delimitado por um murete e que terá correspondido a uma câmara

---

<sup>40</sup> Como refere para o País Basco, Germán Delibes. Cf. *El Neolítico — Los comienzos de la agricultura y la ganadería en la Meseta*, «Historia de Castilla y Leon, I — La Prehistoria del Valle del Duero», pp. 22-52.

funerária, outro possível espaço mortuário foi assinalado frente àquele, constando de uma grande fossa aberta na alterite de base.

#### 4.1.2.2.1. A área deposicional primária

Por área deposicional primária, entendemos todo o espaço definido por um murete de pedra solta, no interior do qual se encontrou um enchimento de milhares de fragmentos de lajes de xisto, misturadas com vários blocos de quartzo leitoso, tornando impossível definir a câmara funerária. Esta teria sido constituída, indubitavelmente, por lajes naquela matéria-prima.

Decapado todo aquele espaço, o que permitiu recolher algum espólio, assinalou-se aberta na alterite de base, uma fossa sub-circular, com um diâmetro de cerca de 1,10 m e 0,16 m de profundidade, de fundo plano (possuía contudo, uma depressão a Sul) e paredes sub-verticais.

Esta fossa estava preenchida com terras negras da superfície misturadas com pedras soltas. Porém, sob este nível, constatou-se a existência de vários nódulos de quartzo, imbricados uns nos outros e aderentes ao fundo, dispostos em semi-círculo, parecendo terem servido de calagem de um esteio (?) ali colocado, como componente da câmara funerária (Est. XVII – 1). Apesar destes particularismos, o facto de a mesma se apresentar «marginal» a todo o espaço definido pelo murete de contrafortagem da câmara, assim como o seu grande diâmetro, leva-nos a pôr algumas reservas à sua utilização como fossa de esteio.

Referente ainda à área deposicional foram assinalados restos de lajes ainda colocadas nas suas valas, aflorando à superfície da alterite de base. Uma outra, também fragmentada, aparece a servir de «umbral» de entrada ao recinto delimitado pelo murete. Do lado oposto àquele está o que resta de outra laje que poderá corresponder à zona terminal do contraforte, marcando possivelmente a entrada da câmara funerária. Tomando em linha de conta com estes dados, parece definir-se uma câmara mortuária delimitada, embora escassamente, por aqueles esteios, podendo corresponder o espaço intermédio a um «átrio», de funcionalidade simbólica (os vestígios arqueológicos são pouco claros neste domínio).

Se a estrutura mortuário-deposicional apareceu muito destruída, dificultando a sua leitura, o mesmo não se poderá dizer do murete que, perifericamente, a envolveu, o qual apresenta um melhor estado de conservação.

Basicamente está-se perante um contraforte, constituído por elementos de quartzo, imbricados uns nos outros, assentes sobre um nível de terras saibro-argilosas, com uma potência de cerca de 0,50 m, e que na sua periferia se

dispõem ligeiramente oblíquos<sup>41</sup>. Porém, esta estrutura apresenta particularismos que a distinguem das suas congêneres «contrafortagem da câmara funerária»<sup>42</sup>.

Em planta, aparece-nos com um formato sub-trapezoidal, orientada de WNW-ESE, com abertura a ESE, marcada por dois possíveis «umbrais» em xisto, muito fragmentados<sup>43</sup>.

Os tramos daquele murete apresentam-se paralelos convergentes e rectilíneos (no caso dos dois maiores), sendo também rectilíneos aqueles troços que ladeiam e suportam os «umbrais». Já a base maior, tem uma planta pseudo-absidal, formada a partir de fiadas de pedras dispostas em forma de arco, em número de três (Est. XVII – 2), reforçando consideravelmente o murete. A ligação entre os diferentes tramos do murete apresenta a particularidade de não ser feita em ângulo, mas em canto arredondado (nítido no tramo Noroeste).

Ainda do ponto de vista da técnica construtiva, é notória a falta de uniformidade na construção deste contraforte em que, por exemplo, o tamanho dos elementos pétreos constituintes não é idêntico, sobressaindo parte do troço Norte e o suporte do «umbral» do mesmo lado. Também o tratamento dado a toda a estrutura é variado, com espessamentos em vários pontos, obtidos por acumulação de pedras de menor tamanho (Est. XVII – 3).

As dimensões internas da estrutura são as seguintes, cerca de 3,80 m de eixo maior e cerca de 3,50 m de eixo menor, tendo a câmara funerária (delimitada a partir dos dois fragmentos de esteios), um diâmetro de cerca de 2,50 m. Refira-se que no âmbito da relação do contraforte com a câmara funerária, que pressupomos aberta a ESE, aquela se encontra afastada cerca de 0,80 metros da entrada da estrutura de contrafortagem, o que poderá ser um dado confirmativo da existência de um átrio simbólico, frente à área deposicional funerária (Est. XVIII).

#### 4.1.2.2.2. A área deposicional em fossa

O alargamento da área a escavar, para uma melhor delimitação do espaço deposicional funerário coberto pelo *tumulus* 3 do Taco, levaria à descoberta de uma fossa de grandes dimensões.

Esta fossa, descentrada em relação ao hipotético eixo de entrada da câmara funerária, foi identificada a partir de uma mancha de terras de cor castanho-escuro, com uma composição em que predominavam os carvões de

---

<sup>41</sup> À semelhança dos anéis de contrafortagem que encontramos nas câmaras dos monumentos que temos estudado.

<sup>42</sup> Estas estruturas são, genericamente, de planta circular e estão construídas de encontro às estruturas deposicionais mortuárias, tendo evidentes intenções de reforço de tais câmaras funerárias.

<sup>43</sup> Tais fragmentos são em xisto laminar, «louzinhas».

pequeno tamanho, de origem vegetal. É de registar que quando se procedeu quer à decapagem grosseira, como à decapagem fina da quadrícula que revelaria aquela fossa, se constatou estar-se perante uma zona de intenso revolvimento, documentado pelos inúmeros fragmentos de xisto, nódulos de quartzo leitoso, bolsas de alterite xisto-grauváquica de base, bolsas de saibro e ainda carvões (Est. XIX).

Tendo-se procedido à decapagem daquela mancha de terra escura verificou-se que o enchimento da fossa não diferia do nível de violação, sendo porém de referir que aflorava à superfície o que parecia ser um esteio tombado obliquamente, de orientação Este (Est. XX). Tal decapagem permitiria ainda referenciar, no canto Norte da fossa, uma mancha de carvões misturados com terras xisto-argilosas.

Completamente limpa do seu conteúdo, deparou-se-nos uma fossa de planta sub-circular, com um diâmetro de cerca de 2 m e uma profundidade de cerca de 1 metro, de paredes ligeiramente plano-côncavas e plano-convexas, de fundo plano-côncavo irregular, sobre o qual foram identificados alguns fragmentos de um mesmo recipiente cerâmico. Confirmou-se também a existência de um esteio, fragmentado na ponta distal.

Este esteio, ou o que dele restava, não nos parece que estivesse *in situ*, pelo contrário, julgamos que tal esteio pertenceu à área deposicional primária (câmara funerária rodeada pelo murete de contrafortagem).

A existência desta fossa escavada no xisto-argiloso de base, à «entrada» do contraforte da câmara funerária, põe desde logo o problema da contemporaneidade, ou não, da sua escavação, do mesmo modo que a sua funcionalidade.

Como se conhece para outras estruturas de tipo fossa<sup>44</sup>, a sua descoberta só se verifica, praticamente, ao nível do solo de base, donde a dificuldade em constatar qual o nível stratigráfico em que foram abertas, o que dificulta o seu posicionamento cronológico-cultural. No caso da fossa do *tumulus* 3 do Taco, põe-se idêntico problema.

Para esta fossa, temos apenas a sua localização, defronte da «entrada» definida pelas lajes «umbrais» (junto do «umbral» Norte), assim como o dado arqueológico de estar aberta a um nível inferior ao do «piso» no interior da contrafortagem da câmara (área deposicional primária). Tal posicionamento pode ser uma indicação de que ambas as estruturas não são contemporâneas.

---

<sup>44</sup> A este nível, as que melhor documentadas nos aparecem, localizam-se na Serra da Aboboreira. Todas elas estão ligadas aos níveis de ocupação, surgindo assim como grandes silos de armazenagem, como no caso por exemplo, do povoado da Bouça do Frade.

Quanto à sua funcionalidade, as dúvidas são maiores pois, se o facto de estar na proximidade imediata de um espaço funerário poderá levar a que aquela seja considerada como tendo também funções mortuárias, por outro lado, fossas idênticas têm sido referenciadas como silos, embora em contextos habitacionais<sup>45</sup>, ou ainda em outros casos, em ambientes diferenciados<sup>46</sup>, donde a dificuldade na sua interpretação.

A favor da sua utilização como espaço funerário poderá jogar as suas grandes dimensões, a proximidade de uma outra área de deposição mortuária, assim como o ter-se assinalado no seu interior, colados no fundo, alguns fragmentos de um mesmo recipiente cerâmico, de pequeno tamanho. A possibilidade de ter sido um grande silo de armazenamento parece-nos pouco provável, em face da ausência de dados claros nesse sentido, como: a não existência de outras estruturas análogas, apesar da grande área de escavação aberta, assim como também faltarem todos os vestígios materiais que pudessem avançar com essa hipótese, tais como artefactos cerâmicos ou líticos, que permitissem inferir da presença de um habitat, anterior à construção do montículo.

Por tudo isso julgamos que se está perante uma fossa funerária, aberta em época imprecisa, mas que tudo indica ser anterior à câmara coberta pela Mamoa 3 do Taco (a existência de um esteio em xisto, tombado dentro da fossa, misturando a níveis de revolvimento, parece confirmar ainda mais a anterioridade daquela) (Est. XXI).

#### 4.1.2.3. O Espólio arqueológico

Em linhas gerais, os artefactos exumados durante os trabalhos de estudo do *tumulus* 3 da necrópole do Taco, mostraram-se idênticos aos da Mamoa 1, havendo contudo algumas dissemelhanças que poderão ser indicativas de um certo carácter mais tardio.

Também aqui o espólio se distribui entre os artefactos em pedra lascada e polida, entre outro material diverso, de que se destaca um fragmento de cristal de rocha. A cerâmica foi apenas documentada no interior da fossa (Est. XXII).

Neste monumento encontraram-se ainda vários fragmentos de cerâmica moderna, assim como um púcaro de asa em fita, localizado no interior da massa terrosa, no fundo de uma lura de coelho.

---

<sup>45</sup>Jorge, S. O., (1988), *O Povoado da Bouça do Frade no Quadro do Bronze Final do Noroeste Peninsular*, «Monografias Arqueológicas», 2, Porto, G.E.A.P.

<sup>46</sup>Sanches, M. J., (1989), *O Povoado de Lavra (Marco de Canaveses)*, «Arqueologia», 17, pp. 125-134.

## 4.1.2.3.1. Artefactos líticos

1 — geométrico segmento simétrico, em sílex, assinalado nas terras do interior do contraforte, sob as raízes de um eucalipto. Tem as seguintes dimensões: comprimento 3,1 cm; largura 0,93 cm; espessura 0,3 cm (Est. XXII. 1).

2 — geométrico trapézio assimétrico, em sílex, encontrado também nas terras do interior do murete de contrafortagem da câmara, sob as raízes de um eucalipto. Dimensões: comprimento 3,5 cm; largura 1,1 cm; espessura 0,26 cm (Est. XXII. 2).

3 — fragmento de lâmina em quartzo hialino, assinalada nas terras do interior do murete. Dimensões: largura 0,5 cm; espessura 0,2 cm (Est. XXII. 3).

4 — fragmento de lâmina em sílex, assinalada nas terras do interior do contraforte. Dimensões: largura 0,98 cm; espessura 0,25 cm (Est. XXII. 4).

5 — fragmento de lâmina em sílex, encontrada nas terras do interior do murete. Dimensões: largura 1,23 cm; espessura 0,35 cm (Est. XXII. 5).

6 — lâmina em sílex, encontrada também nas terras do interior do murete. Dimensões: comprimento 6,6 cm; largura 1 cm; espessura 0,23 cm (Est. XXII. 6).

7 — lâmina em sílex, encontrada nas terras do interior do contraforte. Dimensões: comprimento 8,12 cm; largura 1,2 cm; espessura 0,3 cm (Est. XXII. 7).

8 — lâmina em sílex, assinalada nas terras do interior do murete de contrafortagem. Dimensões: comprimento 7,5 cm; largura 1,2 cm; espessura 0,39 cm (Est. XXII. 8).

9 — ponta de seta em sílex, assinalada no nível de terras que cobria a carapaça no sector Este. De base côncava, tem retoque plano bifacial e invasor no dorso, limitado aos bordos. Dimensões: largura 2 cm; espessura 0,25 cm (Est. XXII. 9).

10 — enxó pequena, em xisto argiloso, de grão muito fino, de cor verde claro, inteiramente polida. Foi encontrada nas terras do interior do murete, sob as raízes do eucalipto. De secção elíptica, tem bordos plano-convexos convergentes e gume curvo-convexo. Dimensões: comprimento 5,8 cm; largura média 2,8 cm; espessura média 1,23 cm (Est. XXII. 10).

11 — fragmento de cristal de rocha, prismático, de secção hexagonal assimétrica, assinalado nas terras do interior do contraforte (Est. XXII. 11).

## 4.1.2.3.2. Cerâmica

1 — fragmentos cerâmicos pertencentes a um mesmo recipiente, de pasta castanho-alaranjado, com e. n. p. de grão fino. Foram encontrados no interior da fossa F2, colados no fundo daquela. Tem vestígios de engobe na superfície

exterior. Apresenta bordo extrovertido e lábio arredondado; bojo com leve carena mesial; deveria possuir um fundo plano-convexo (Est. XXII. 12).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a apresentação, nas páginas precedentes, dos resultados obtidos durante a escavação das sepulturas da necrópole do Taco, Mamoa 1 e Mamoa 3, podemos agora fazer uma leitura global desses dados, confrontando-os entre si e, ao mesmo tempo, procurar o estabelecimento de «pontes» de ligação com outros «megalitismos» regionais.

Para os monumentos funerários do Taco constatou-se que sob uma aparente uniformidade monticular, se encontravam soluções arquitectónicas diferentes, só perceptíveis com o recurso à escavação arqueológica. Tal polimorfismo encontrámo-lo um pouco por todo o lado, seja a Norte do Douro<sup>47</sup>, seja a Sul<sup>48</sup>, independentemente da proximidade, ou não, dos monumentos entre si (o que constatamos para o Taco encontra-se noutras necrópoles de *tumuli*), como diversos investigadores têm verificado<sup>49</sup>.

Em contrapartida, ao nível da massa monticular, particularmente nas regiões em que o substrato rochoso é o xisto-grauvaque, de metamorfização acentuada, com solos xisto-argilosos, nota-se uma mesma composição, de que sobressai uma coloração uniforme dentro dos tons laranja e amarelados, assim como uma compactação acentuada, seja nos *tumuli* do Taco ou em monumentos de outras regiões como, por exemplo, mas ainda a sul do Douro, na Mamoa de Gestosa, em Vila Nova de Gaia<sup>50</sup>, na Mamoa 4 da Aliviada e na Mamoa 1 do Calvário, ambas no concelho de Arouca<sup>51</sup>, ou ainda mais a sul, na mamoa da Mama do Furo, na Figueira da Foz<sup>52</sup>, entre outros casos<sup>53</sup>. Também a norte daquele rio, na Serra da Aboboreira, se verifica a mesma situação, como é o caso da

<sup>47</sup> Veja-se o que ocorre com os *tumuli* escavados na Serra da Aboboreira, concelho de Baião e Marco de Canaveses, ou Amarante.

<sup>48</sup> O mesmo ocorre nos monumentos que temos estudado a sul do rio Douro, concelhos de Arouca e Oliveira de Azeméis.

<sup>49</sup> Cf. os trabalhos publicados pelos investigadores tanto para a Aboboreira, como para outras regiões, seja a Norte ou a Sul do Douro. Em todos os casos conhecidos o polimorfismo das estruturas funerárias sob montículo é uma constante.

<sup>50</sup> Jorge, V. O., (1984), *Escavação da Mamoa de Gestosa (Sandim, Vila Nova de Gaia)*, «Gaya», II, (Actas das I Jomadas de Hist. Local e Regional de V. N. de Gaia), pp. 19-38.

<sup>51</sup> *Vd. op. cit.* notas 27 e 33.

<sup>52</sup> Vilaça, R., (1986), *A Mamoa da «Mama do Furo» (Figueira da Foz)*, «Trab. de Antropol. e Etnol.», XXVI, 1-4, pp. 95-117.

<sup>53</sup> O mesmo constatamos na Mamoa da «Mama da Galinha», em Águeda, estudada no ano corrente (Publicação dos resultados em preparação).

Mamoas 2 de Cabritos<sup>54</sup> ou, já na província de Trás-os-Montes, na Mamoas da Pena Mosqueira<sup>55</sup>.

Do exposto ressalta que tal tipo de composição está em relação directa com a ambiência geológica que, podendo ter condicionado a construção dos montículos funerários, não foi impedimento à sua edificação.

Outro aspecto ainda ligado aos monumentos do Taco, tem a ver com a existência de carapaça lítica de cobertura, que aparece documentada, em corte, na Mamoas 3 daquela necrópole, e que no *tumulus* 1 parece não ter existido (a existir, limitar-se-ia a uma banda, na periferia, e nunca envolvendo por completo o montículo). Quer para aqueles monumentos como para os que referimos acima, a situação é idêntica, o que não pode ser exclusivamente justificado pelas destruições que os monumentos sofreram ao longo do tempo mas, muito plausivelmente, a causas de natureza conceptual dos seus construtores (veja-se, a título de exemplo, o que se passa com a Mamoas 1 do Castelo-Fajões, em que não há nível algum de pedras que a tivesse coberto, mas que em contrapartida possui o característico anel de contenção periférica, afundado no *tumulus*<sup>56</sup>).

Na generalidade dos casos apontados, à excepção do monumento de Fajões, a «carapaça» reduz-se a um espessamento na periferia monticular, formando como que um anel de contenção, embora tal não exclua a existência de um verdadeiro travamento periférico que, normalmente, os monumentos contêm.

Seja na necrópole do Taco, ou em monumentos como Calvário 1 ou Aliviada 4, entre outros, aquele anel de contrafortagem periférica encontra-se presente, sendo constituído normalmente por grandes blocos pétreos, inseridos na massa monticular.

Regra geral, tal massa terrosa é apenas cortada pelas estruturas deposicionais que encerra e respectivos contrafortes.

Quanto às estruturas deposicionais mortuárias cobertas pelos montículos do Taco, constata-se a existência de polimorfismo: enquanto que a Mamoas 1 contém no seu interior uma sepultura megalítica, constituída por uma câmara poligonal alongada, terminando num estrangulamento, aberto a ESE, aparentado a um corredor incipiente, ou mesmo degenerado, definido por dois esteios menores, em xisto, sem contraforte algum, já a Mamoas 3 cobriu duas distintas áreas funerárias. Uma, que poderá ter sido uma câmara megalítica, aberta a ESE, rodeada por uma estrutura de contrafortagem, também aberta, de planta

---

<sup>54</sup> Jorge, V. O. e Vilaça, R., (1985), *As Mamoas de Cabritos (Serra da Aboboreira)* «Arqueologia», 11, pp. 51-66.

<sup>55</sup> Sanches, M. J., (1987), *A Mamoas 3 da Pena Mosqueira, Sanhoane (Mogadouro)*, «Arqueologia», 15, pp. 94-115.

<sup>56</sup> Silva, F.-A.P., (s/d), *Escavação da Mamoas 1 do Castelo, Fajões-Oliveira de Azeméis (1ª campanha de escavações)*, Rel. inédito apresentado ao I.P.P.C.

sub-trapezoidal e outra, em fossa, escavada na alterite de base (este último tipo de estrutura funerária é pouco comum, sendo a primeira que se assinala a sul do Douro, já que a norte há um caso, na Serra da Aboboreira, assim como no País vizinho, na região das Astúrias<sup>57</sup>).

Comparando as estruturas funerárias cobertas pelos *tumuli* que temos estado a referir, exceptuando-se a Mamoa de Gestosa que tinha o seu interior completamente revolvido, não permitindo estabelecer o tipo de área deposicional que continua<sup>58</sup>, para os restantes monumentos constatamos o predomínio das pequenas câmaras funerárias, de planta aparentemente poligonal (refira-se que para a mamoa da Mama do Furo, segundo Santos Rocha, ela conteve um dolmen de corredor (SANTOS ROCHA, 1895)).

Tais câmaras funerárias (apenas para a Mamoa 1 do Taco não foi identificado contraforte algum da câmara megalítica) eram todas contrafortadas por anéis sub-circulares de terra e pedras, menos no caso da área deposicional primária da Mamoa 1 do Taco, de planta sub-trapezoidal. Dessas estruturas envolventes nem todas parecem ter desempenhado um papel exclusivo de contrafortagem visto que, em alguns casos, não existe um adossamento completo das lajes formativas dos espaços sepulcrais, como por exemplo na Mamoa 3 do Taco e na Mamoa 1 do Calvário<sup>59</sup>, pelo que nos parece não ser de excluir a existência de uma funcionalidade simbólica.

Comparando os diferentes artefactos recolhidos nas mamoas da necrópole do Taco, com os dos monumentos congéneres referidos, verifica-se uma constante em todos eles: existência maioritária de geométricos com truncaturas com retoque abrupto, acompanhando lâminas geralmente não retocadas, machados e enxós polidos.

As pontas de seta estão, na generalidade dos casos, ausentes destes contextos, ou fracamente representadas, muito particularmente as que apresentam perfil triangular e base côncava, assim como as pontas de seta com pedúnculo e aletas, normalmente atribuídas a utilizações posteriores dos monumentos.

Do que afirmamos parece sintomático que, sobre a couraça da Mamoa 3 do Taco, se assinalou a única ponta de seta da necrópole, de base côncava<sup>60</sup> e, para a Mamoa 1 do Castelo-Fajões, se encontrou uma ponta de seta de pedúnculo e aletas, associada ao enterramento campaniforme<sup>61</sup>.

<sup>57</sup> Blas Cortina, M. A., (1985), *Piedrafita V. Nuevos aspectos sobre el polimorfismo de las arquitecturas funerarias prehistoricas en el N-N.O. de la Península Ibérica*, «Arqueologia», 12, pp. 129-136.

<sup>58</sup> *Vd. op. cit.* nota 50.

<sup>59</sup> *Vd. op. cit.* nota 33.

<sup>60</sup> Silva, F.-A., (s/f), *Relatório da Escavação da Mamoa 3 do Taco. Albergaria-a-Velha*, Rel. inédito apresentado ao I.P.P.C.

<sup>61</sup> *Vd. op. cit.* nota 56.

Os geométricos ocupam assim um lugar importante nos espólios destes monumentos, o que poderá ser sintomático de grande antiguidade destas construções e sua utilização, embora tal realidade arqueológica possa também revelar um certo arcaísmo instrumental<sup>62</sup>.

Tanto para o *tumulus* 1 como para o *tumulus* 3 do Taco, está documentada a presença de geométricos, ainda que de tipo diferentes, com os tradicionalmente considerados mais antigos, triângulos e segmentos<sup>63</sup>, no monumento 1 e, por outro lado, o geométrico considerado mais recente, o trapézio, estar documentado no monumento 2 (neste monumento encontrou-se ainda um geométrico segmento), também acompanhando lâminas como o anterior, e ainda uma pequena enxó em xisto-argiloso, possivelmente ritual. A ponta de seta de base côncava, embora possa pertencer ao espólio encontrado naquela mamoa, tudo parece indicar contudo, que se trata de um artefacto ligado a uma fase mais recente, tendo em vista principalmente a sua localização estratigráfica.

Quanto aos fragmentos de recipientes cerâmicos, encontrados na Mamoa 1 e na Fossa 2, torna-se difícil a sua caracterização cronológico-cultural. Contudo, se para aqueles dois fragmentos da mamoa não nos custa admitir o seu posicionamento no Neolítico médio/final, já para o da fossa, que apresenta uma ligeira carena mesial, um bojo e um fundo plano-convexo, parece poder-se atribuir uma cronologia mais recente, embora seja problemática essa cronologia, na medida em que os dados arqueológicos apontam no sentido de uma anterioridade da fossa, sobre a câmara funerária da Mamoa 3.

A existência de manifestações simbólico-decorativas, gravadas num dos esteios da câmara funerária da Mamoa 1 do Taco (arciformes pseudo-concêntricos), poderá jogar a favor da maior antiguidade deste monumento, em relação com a Mamoa 3.

Porém, sem dados absolutos, torna-se difícil avaliar a época em que foram construídas e utilizadas as sepulturas, podendo-se apenas avançar com hipóteses de trabalho. Antevemos assim, para a necrópole, uma cronologia (ligada à construção e utilização das sepulturas) dentro dos meados/finais do IV milénio a.C., devendo prolongar-se a sua utilização até aos finais do III milénio.

Teríamos assim que, com alguma probabilidade (a presença de geométricos poderá apontar nesse sentido), a necrópole começou a ser construída durante o Neolítico médio ou mesmo final, com uma última utilização já dentro do

---

<sup>62</sup> Não possuímos de momento dados que nos permitam concluir qual o posicionamento cronológico-cultural dos geométricos, no contexto tumular contudo, como alguns autores têm referido e nós próprios temos constatado para alguns monumentos, parece verificar-se uma certa exclusão das pontas de seta nos «horizontes» em que aqueles estão presentes.

<sup>63</sup> Leisner, G e V., (1951), *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, Inst. Alta Cultura.

Calcolítico inicial, testemunhada pela presença do fragmento cerâmico com ligeira carena mesial.

Pena é que não tenha sido possível efectuar o estudo do monumento 2 (VASCONCELOS, 1912), pois por certo iria permitir um melhor conhecimento da necrópole do Taco, no contexto da problemática das práticas mortuárias nas Bacias do Vouga e do Alto Paiva, regiões em que as lacunas que envolvem a temática do «Megalitismo» são ainda hoje muito grandes, se comparadas com o que se verifica em outras regiões do País, daí que o estudo exaustivo dos monumentos de toda esta vasta região, seja da maior acuidade e nos mereça uma atenção particular<sup>64</sup>.

Outono, 1990

## 6. BIBLIOGRAFIA

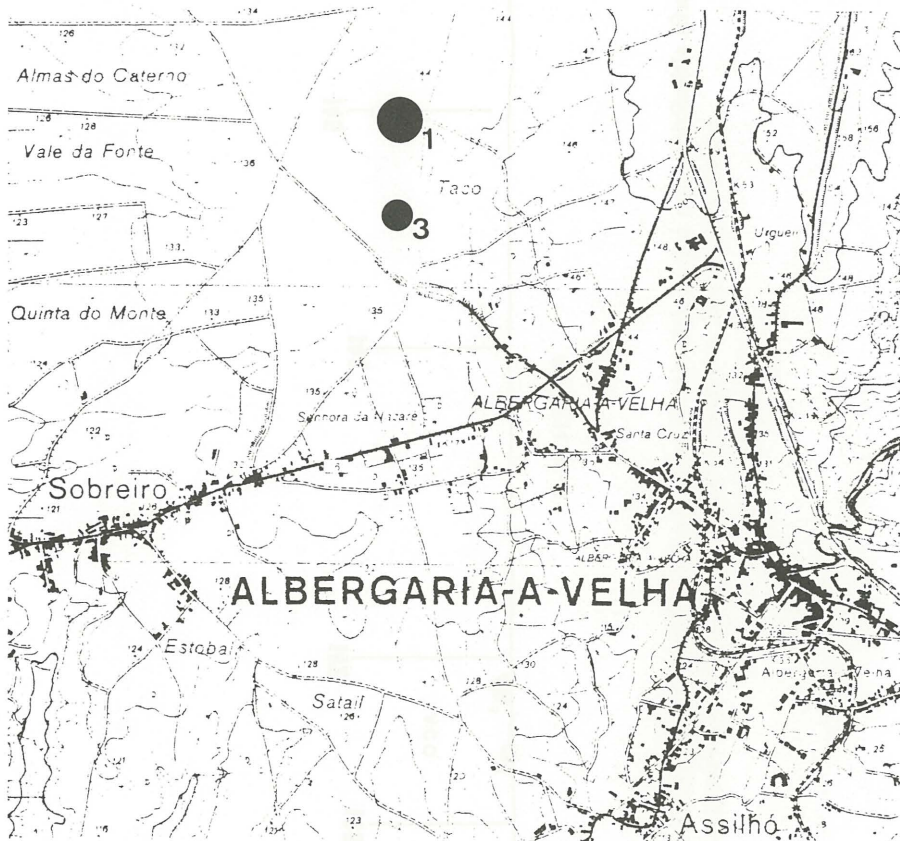
- BLAS CORTINA, M. A. de, (1985), *Piedrafita V. Nuevos aspectos sobre el polimorfismo de las arquitecturas funerárias préhistoricas en el N-N.O. de la Península Ibérica*, «Arqueologia», 12, pp. 129-136.
- CARDOSO, J. C., (1974), *A classificação dos solos de Portugal — nova versão*, «Boletim de Solos», 17, pp. 14-46.
- CASAL, R., (1979), *O Megalitismo na Galiza. A sua problemática e o estado actual da investigación*, «Act. I Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal», Porto, G.E.A.P., pp. 103-115.
- CASTRO, G. D., (1985), *El Neolítico — Los comienzos de la agricultura y la granaderia en la Meseta*, «Hist. de Castilla y León, I — La Prehistoria del valle del Duero», Valladolid, Ed. Ámbito, pp. 22-52.
- Idem* e SANTONJA, M., (1986), *El Fenómeno Megalítico en la Provincia de Salamanca*, Salamanca, Ed. de la Diputación de Salamanca.
- CASTRO, L. de A. e *et al.*, (1957), *Àcerca dos monumentos dolménicos da Bacia do Vouga*, «XXIII Cong. Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», VIII, Coimbra, pp. 5-15.
- CASTRO, M., (s/d), *Carta Litológico-Geotécnica do Concelho de Albergaria-a-Velha*.
- CLARK, J. G. D., (1969), *Archaeology and Society. Reconstructing the Prehistoric Past*, New York, Barnes & Noble, Inc.
- FERREIRA, A. de B., (1978), *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira*.
- GIRÃO, A., (1922), *Bacia do Vouga. Estudo Geográfico*, Coimbra.
- GONÇALVES, A.A.H. de B. *et al.*, (1978), *Fossas abertas no saibro do concelho de Baião. I — Bouça do Frade e Tapado da Caldeira*, «Trab. Inst. Antropol. «Dr. Mendes Corrêa», 34, Porto.

<sup>64</sup> Castro, L. de A. e *et al.*, (1957), *Àcerca dos monumentos dolménicos da Bacia do Vouga*, «XXIII Cong. Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», VIII, Coimbra, sep., pp. 5-15.

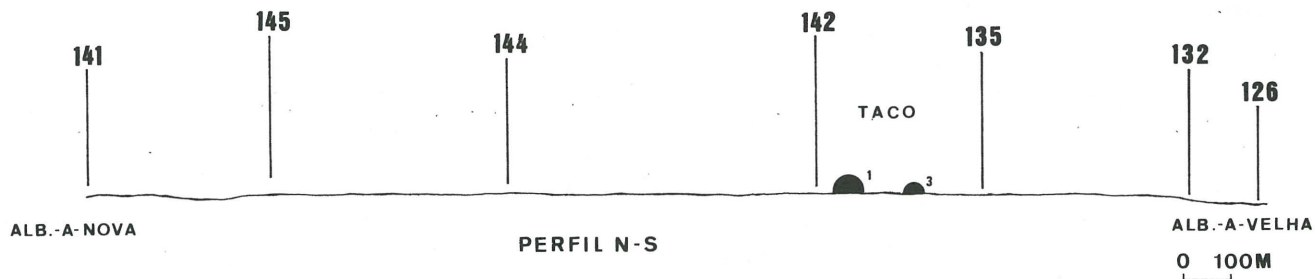
- JORGE, S. O., (1988), *O Povoado da Bouça do Frade no Quadro do Bronze Final do Noroeste Peninsular*, «Monografias Arqueológicas», 2, Porto, G.E.A.P.
- JORGE, V. O., (1978), *Escavação de um túmulo megalítico: problemas metodológicos*, «Setúbal Arqueológica», IV, pp. 241-254.
- Idem et al.*, (1980), *Novas fossas abertas no saibro na área da Serra da Aboboreira (concelho de Baião e Marco de Canaveses)*, «Trab. do G.E.A.P.», 5, Porto.
- JORGE, V. O., (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto — Os Monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, Diss. Dout., Porto, F.L.U.P.
- Idem*, (1984), *Escavação da Mamoa da Gestosa (Sandim, V. N. de Gaia)*, «Gaya», II (Act. I Jornadas de Hist. Local e Regional de V. N. de Gaia), V. N. de Gaia, pp. 19-38.
- Idem*, (1985a), *Les Tumulus de Chã de Santinhos. Ensemble Mégalithique de Serra da Aboboreira, Nord du Portugal*, «Arqueologia», 12, pp. 96-129.
- Idem*, (1985b), *Micrólitos geométricos provenientes de monumentos megalíticos do Norte de Portugal: breve nota*, «Trab. de Antropol. e Etnol.», XXV, 2-4, pp. 386-395.
- Idem e VILAÇA, R.*, (1985), *As Mamoas de Cabritos (Serra da Aboboreira)*, «Arqueologia», 11, pp. 51-66.
- JORGE, V. O., (1986), *Monumentalização e «necropolização» no megalitismo europeu*, «Trab. de Antropol. e Etnol.», XXVI, 1-4, pp. 233-237.
- LEISNER, G. e V., (1951), *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, Inst. Alta Cultura.
- MOITA, I., (1966), *Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta*, «Ethnos», V, pp. 189-297.
- MOREIRA, J. C. B., (1985), *Indústria Extractiva do Distrito de Aveiro. Sua importância no contexto nacional*, «Bol. Municipal de Aveiro», III, 5, pp. 33-42.
- PINHO, A., (s/d), *Albergaria-a-velha e o seu concelho*.
- SANCHES, M.J., (1987), *A Mamoa 3 da Pena Mosqueira, Sanhoane (Mogadouro)*, «Arqueologia», 15, pp. 94-115.
- Idem*, (1988), *O Povoado da Lavra (Marco de Canaveses)*, «Arqueologia», 17, pp. 125-134.
- SANTONJA, M., (1983), *El Fenómeno Megalítico en el SO. de la Región del Duero*, (Act. do Colóquio Inter-Univ. de Arqueol. do Noroeste. Homenagem a Rui de Serpa Pinto), «Portugalia», N/S, IV-V, pp. 53-62.
- SILVA, F.-A. P., (1982), *A Mamoa 2 da Serrinha. Serra da Aboboreira (Baião)*, «Arqueologia», 6, pp. 19-31.
- Idem*, (1985a), *Escavação da Mamoa 3 de Chã de Parada-Serra da Aboboreira, concelho de Baião, 1982-1983*, «Arqueologia», 11, pp. 39-51.
- Idem*, (1985b), *Escavação da Mamoa 1 do Taco, Albergaria-a-Velha*, Relatório inédito apresentado ao I.P.P.C.
- Idem*, (1986a), *Mamoas 1 do Taco*, «Informação Arqueológica», 7, pp. 6-8.
- Idem*, (1986b), *Escavação da Mamoa 3 do Taco, Albergaria-a-Velha*, Relatório inédito apresentado ao I.P.P.C.
- Idem* (1987a), *Mamoas 3 do Taco*, «Informação Arqueológica», 8, pp. 6-8.
- Idem*, (1987b), *Escavação da Mamoa 2 da Aliviada (Aliviada) — Escaria, Arouca, 1984*, «Arqueologia», 15, pp. 77-91.
- Idem*, (s/d), *Escavação da Mamoa 1 do Castelo, Fajões — Oliveira de Azeméis (1ª campanha de escavações)*, Relatório inédito apresentado ao I.P.P.C.
- Idem*, (1989), *Mamoas 1 do Calvário. Escariz-Arouca*, «Arqueologia», 19, pp. 72-84.
- TEIXEIRA, C. e GONÇALVES, F., (1980), *Introdução à Geologia de Portugal*, Lisboa,

## I.N.I.C.

- TEIXEIRA, C., (1981), *Geologia de Portugal, I — Precâmbio. Paleozóico*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- TWOHIG, E. S., (1982), *The Megalithic Art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press.
- VALCARCE, R. F., (1983), *Los prismas de cuarzo en la Cultura Megalítica del NO. de la Península Ibérica*, «Brigantium», 4, pp. 7-11.
- VASCONCELOS, J. L., (1912), *Mámoas de Albergaria-a-Velha*, «OArqueólogo Português», XVII, pp. 71-73.
- Idem*, (1981), *Religiões da Lusitânia*, I, p. 15.
- VILAÇA, R., (1986), *A Mamoa da «Mama do Furo» (Figueira da Foz)*, «Trab. de Antropol. e Etnol.», XXVI, 1-4, pp. 95-128.

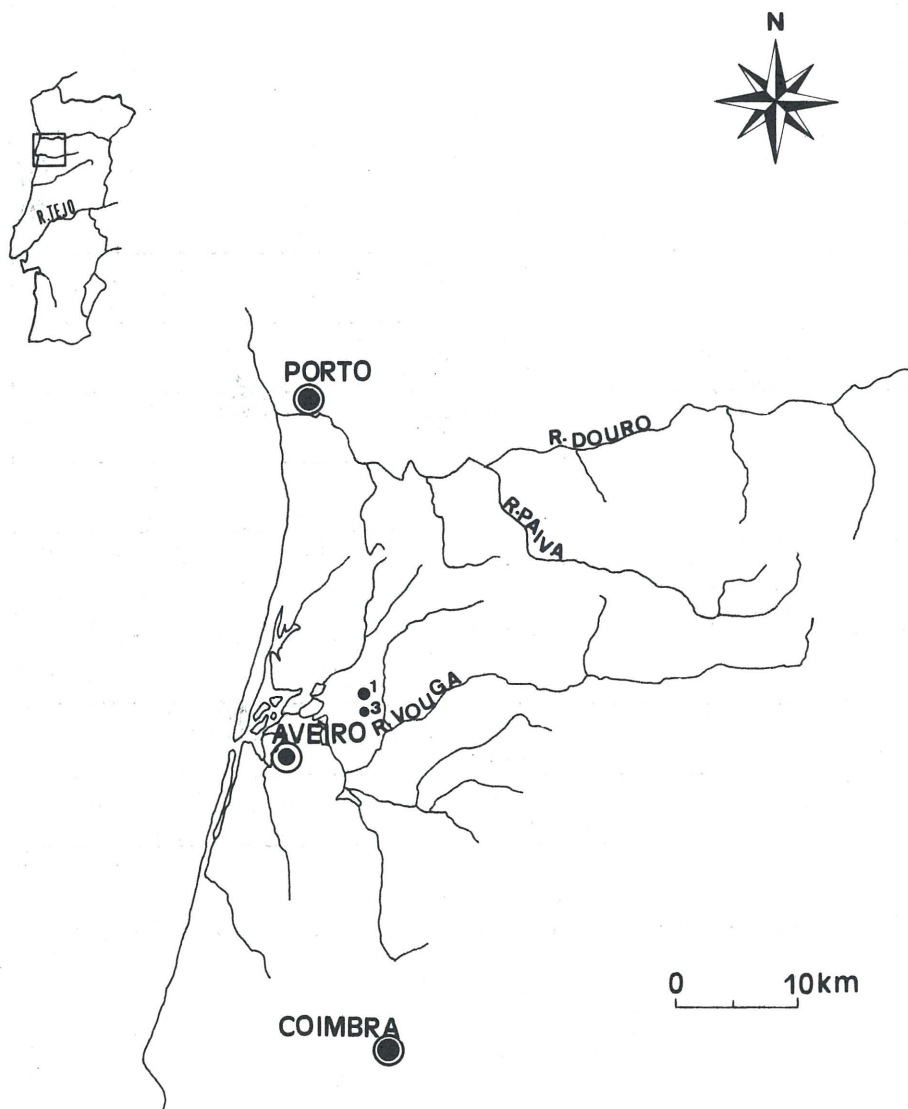


Localização das Mamoas do Taco, segundo a C.M.P., Folha 175  
Albergaria-a-Velha, Esc. 1/25.000, S.C.E.

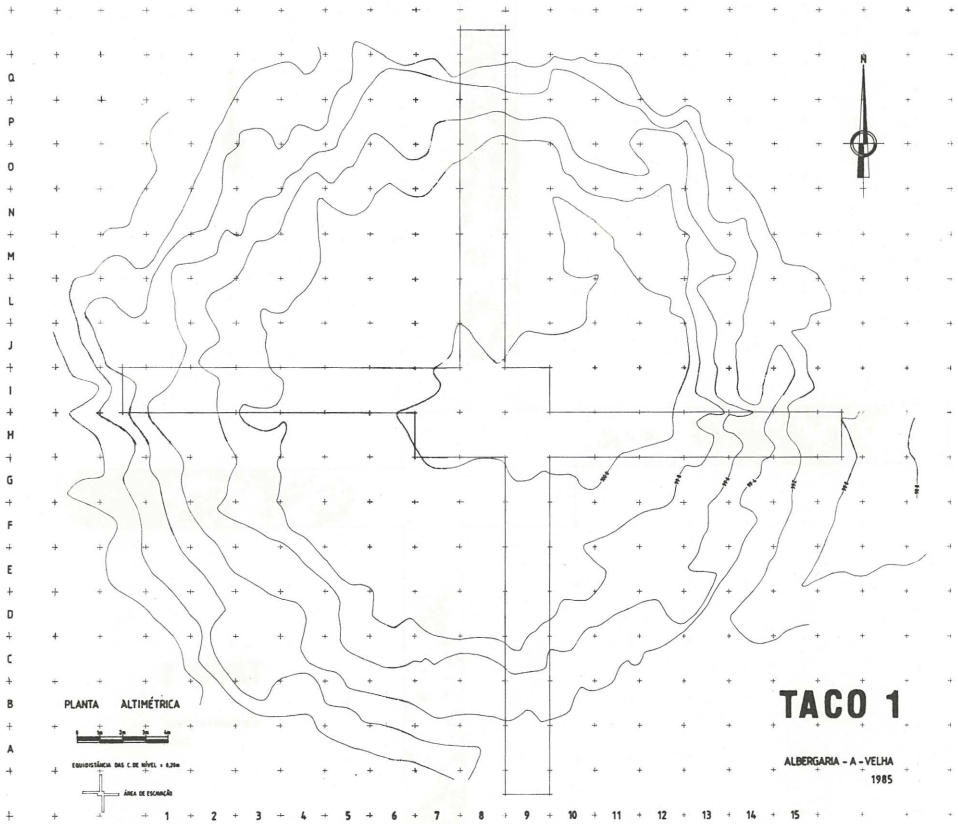


Perfil altimétrico, com implantação das Mamoas 1 e 3 do Taco, correspondente sensivelmente à plataforma litoral, orientado de Norte-Sul (Des. de V.G. Ferreira).



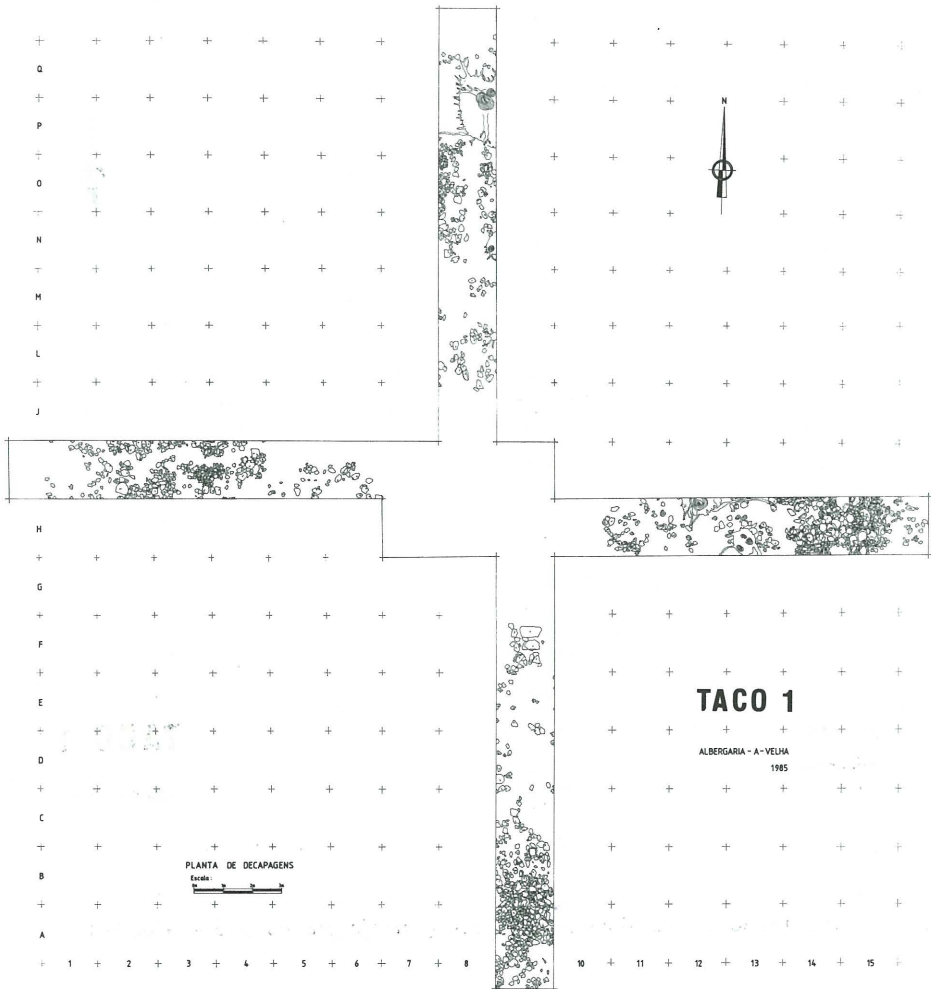


Localização das Mamoas do Taco (Arranjo gráfico de J.A. Coelho).

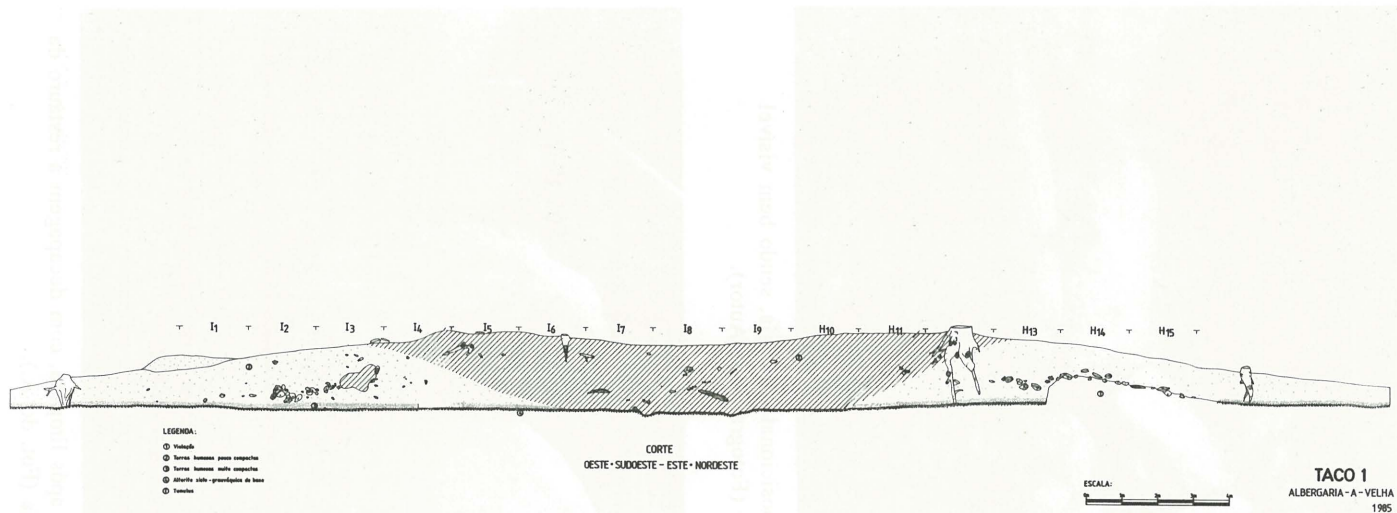


Planta altimétrica da Mamoa 1 do Taco (Arranjo gráfico de J.A. Coelho).

Planta altimétrica da Mamoa 1 do Taco (Arranjo gráfico de J.A. Coelho).



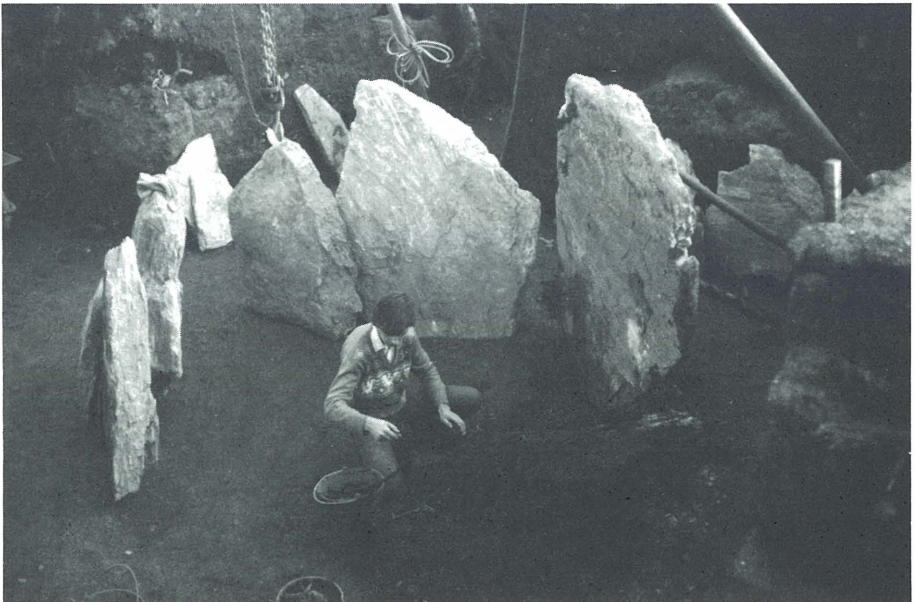
Planta das áreas decapadas na Mamoa 1 do Taco (Arranjo gráfico de J.A. Coelho).



Corte Oeste-Sudoeste/Este-Noroeste (Arr. gráfico de J.A. Coelho).

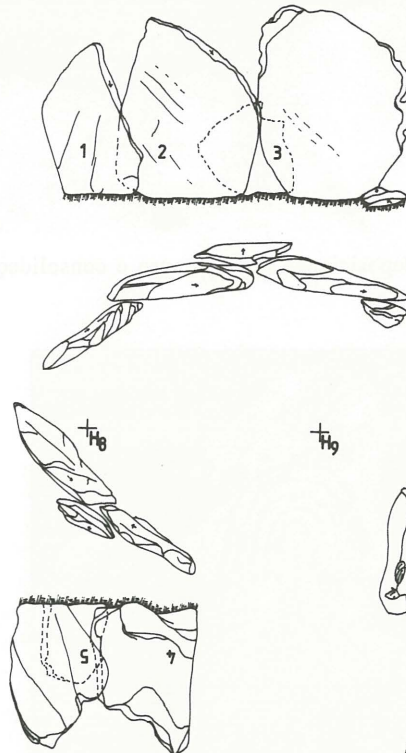


1 — Vista parcial da área deposicional funerária, sendo bem visível a sua destuição (Fotografia do Autor).



2 — A área deposicional funerária após limpeza, com decapagem a restauro da mesma (Fot. do A.).

## PLANTA E ALÇADOS DA CÂMARA

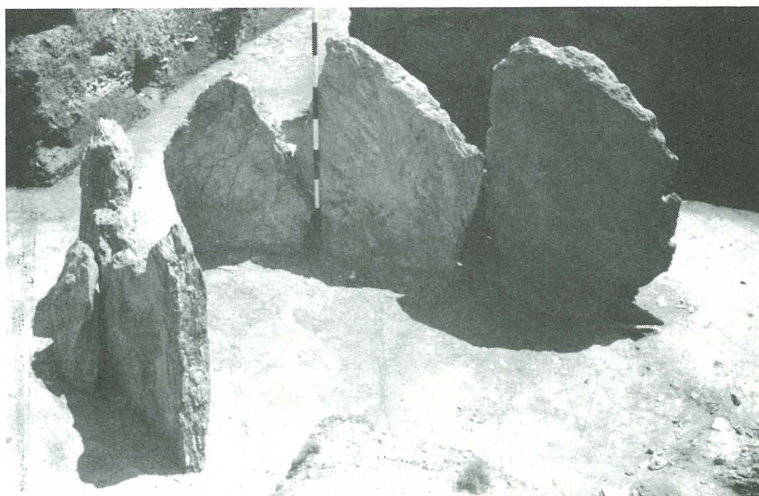


**TACO 1**  
 ALBERGARIA-A-VELHA  
 1985

Escala :



Planta e alçados laterais da câmara funerária e «corredor» da  
 Mamoia 1 do Taco (Arr. gráf. de J.A. Coelho).



1 — Vista da estrutura deposicional após restauro e consolidação (Fot. do A.).



Aspecto das gravuras existentes num dos esteios da câmara funerária, com aplicação do bicromático (Fot. do A.).

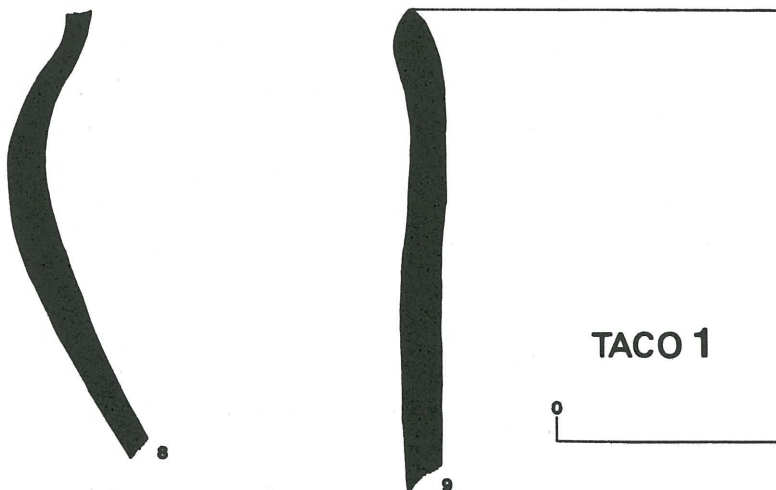
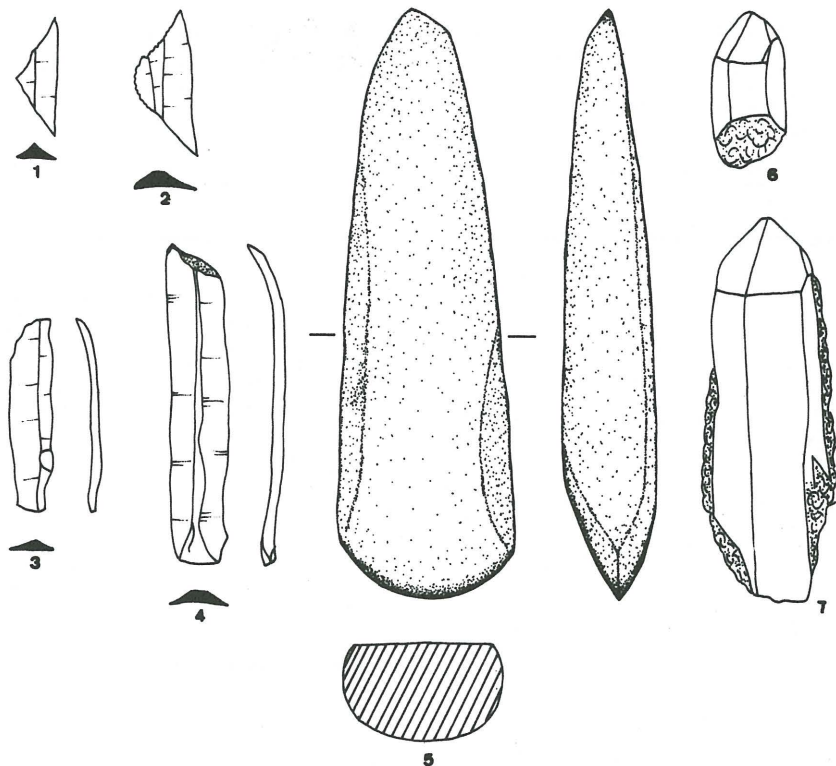
# TACO 1

ALBERGARIA - A - VELHA

1985



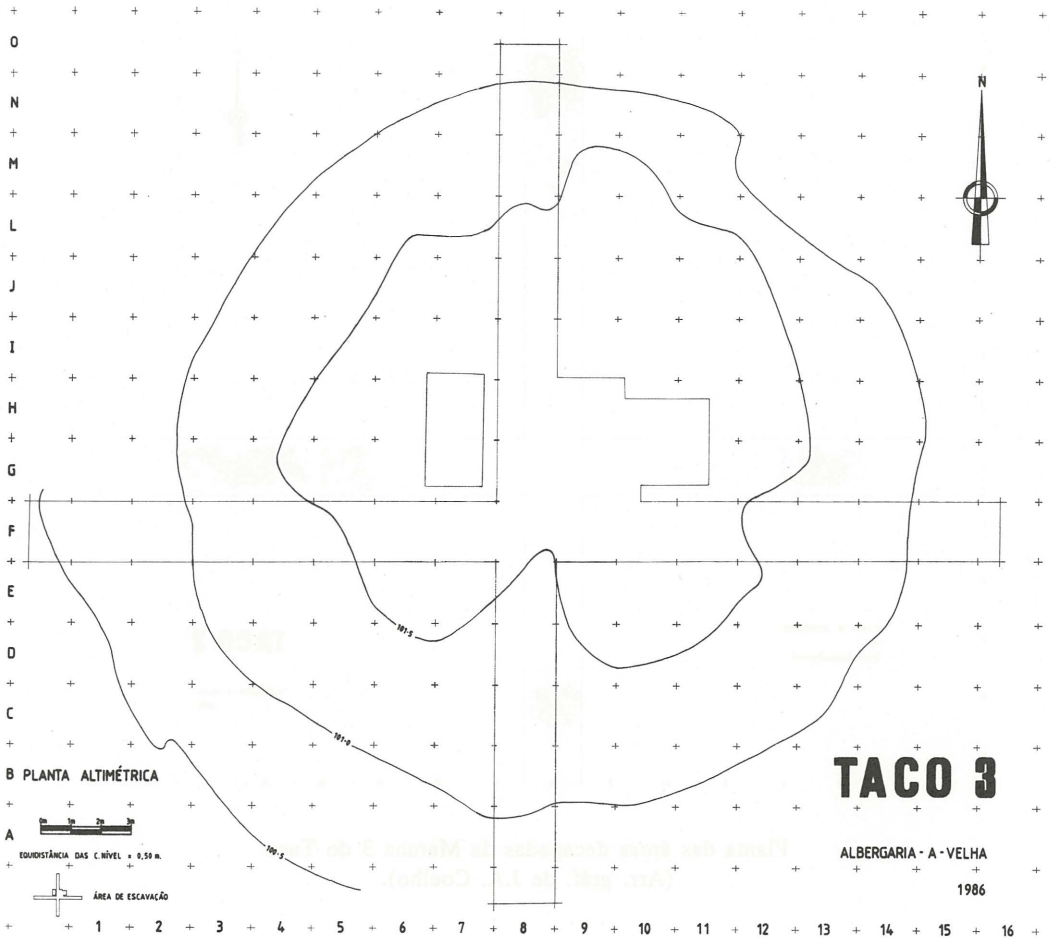
Desenho sobre decalque, das gravuras (Arr. gráf. de J. A. Coelho)



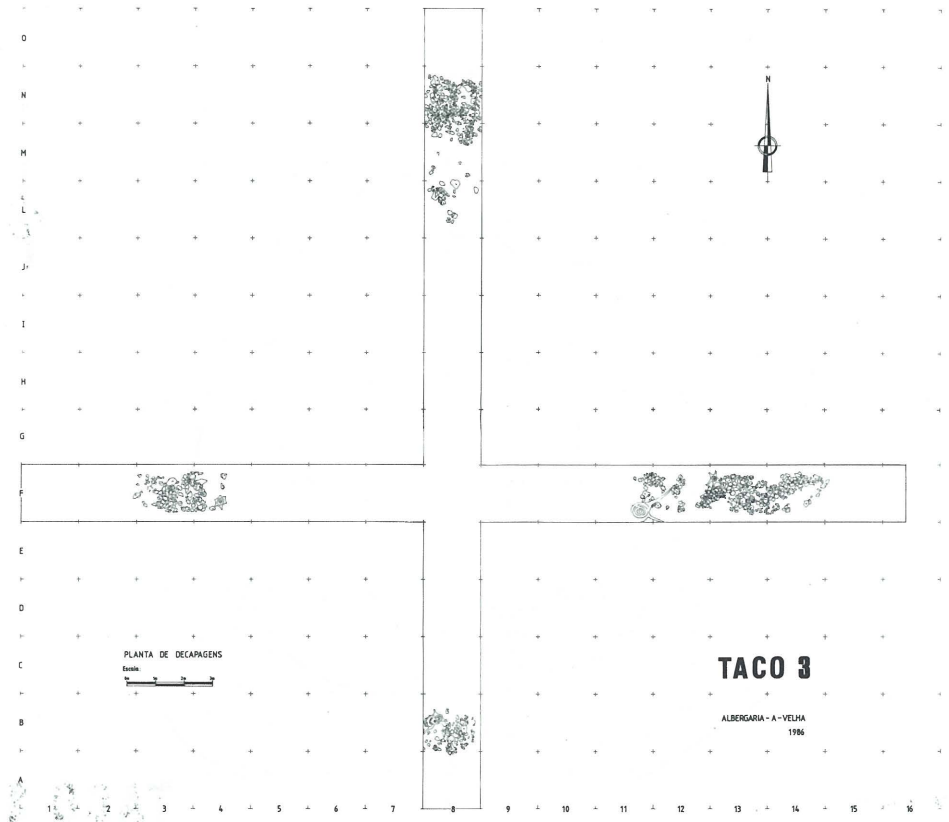
TACO 1



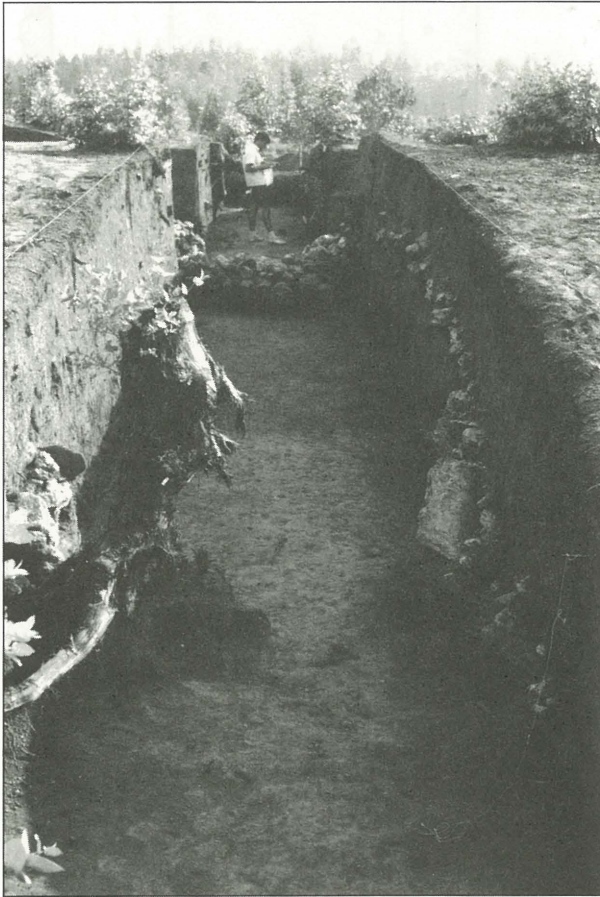
Espólio da Mamoa 1 do Taco (Desenho do A.).



Planta altimétrica da Mamoa 3 do Taco (Arr. gráf. de J.A. Coelho).



Planta das áreas decapadas da Mamoa 3 do Taco  
(Arr. gráf. de J.A. Coelho).

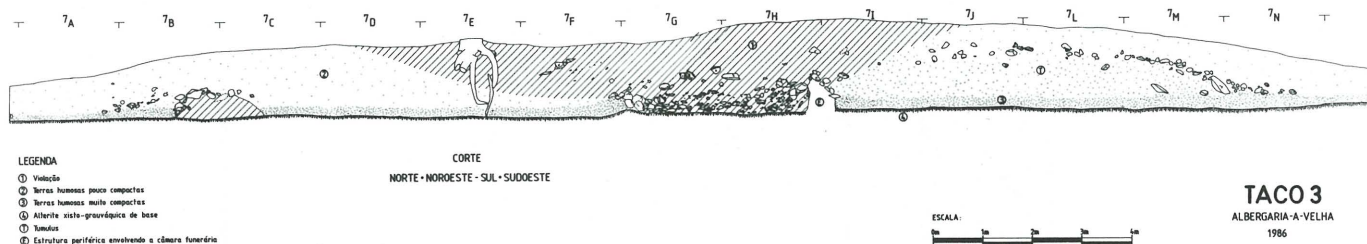


3 — Corte Quase Horizontal em direção (Ver. sul) de T. A. (Corte)

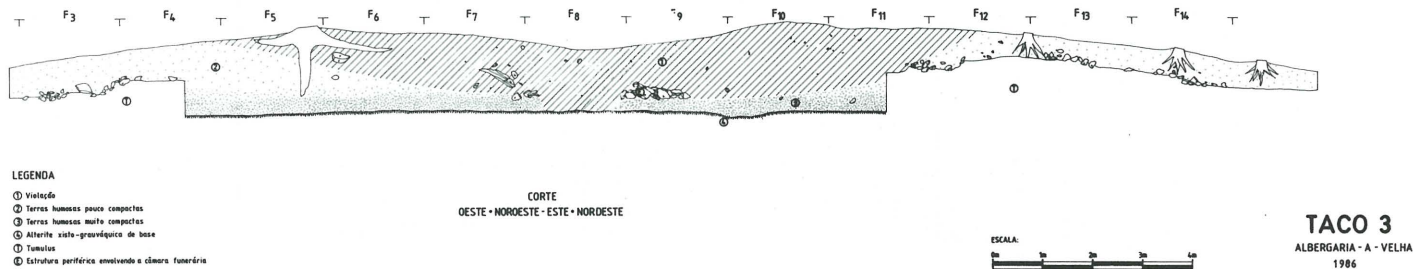
Vista parcial de um dos sectores da Mamoa 3 do Taco (Fot. do A.).

50021

50021



1 — Corte Norte-Noroeste/Sul-Sudoeste (Arr. gráf. de J.A. Coelho).



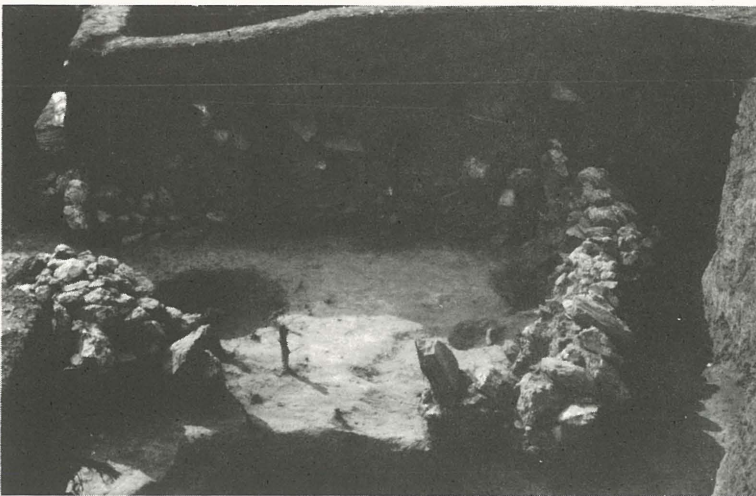
2 — Corte Oeste-Noroeste/Este-Nordeste (Arr. gráf. de J.A. Coelho).



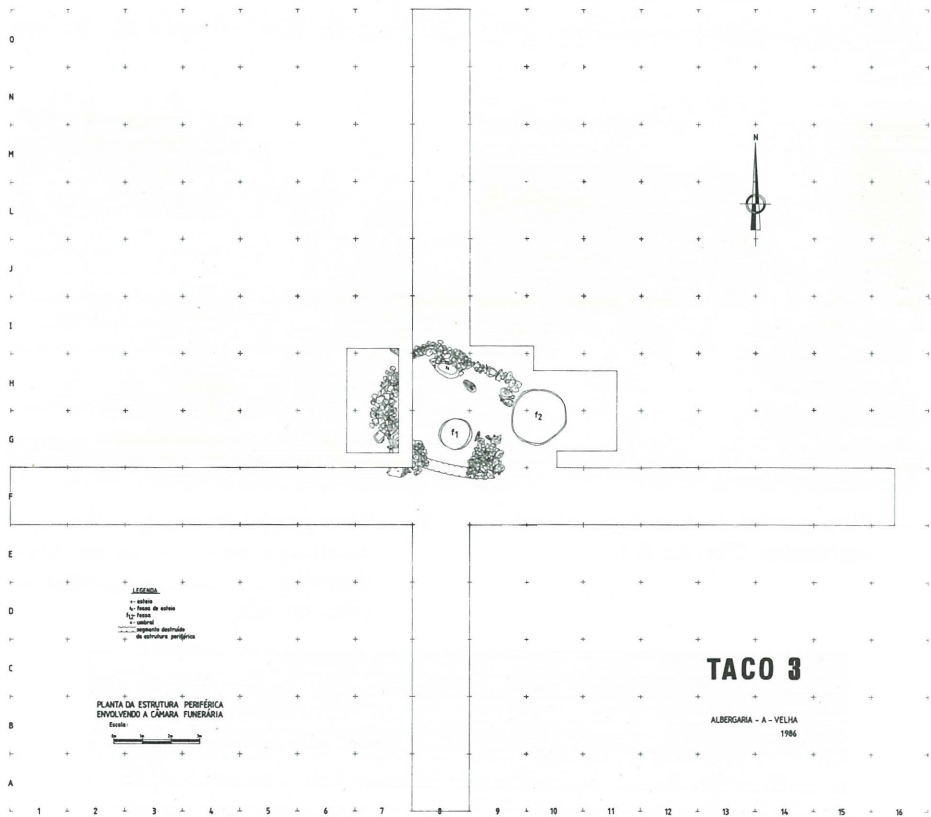
1 — Vista parcial da área deposicional «primária» (Fot. do A.).



2 — Vista parcial de um dos tramos de estrutura envolvente da área deposicional funerária «primária» (Fot. do A.).



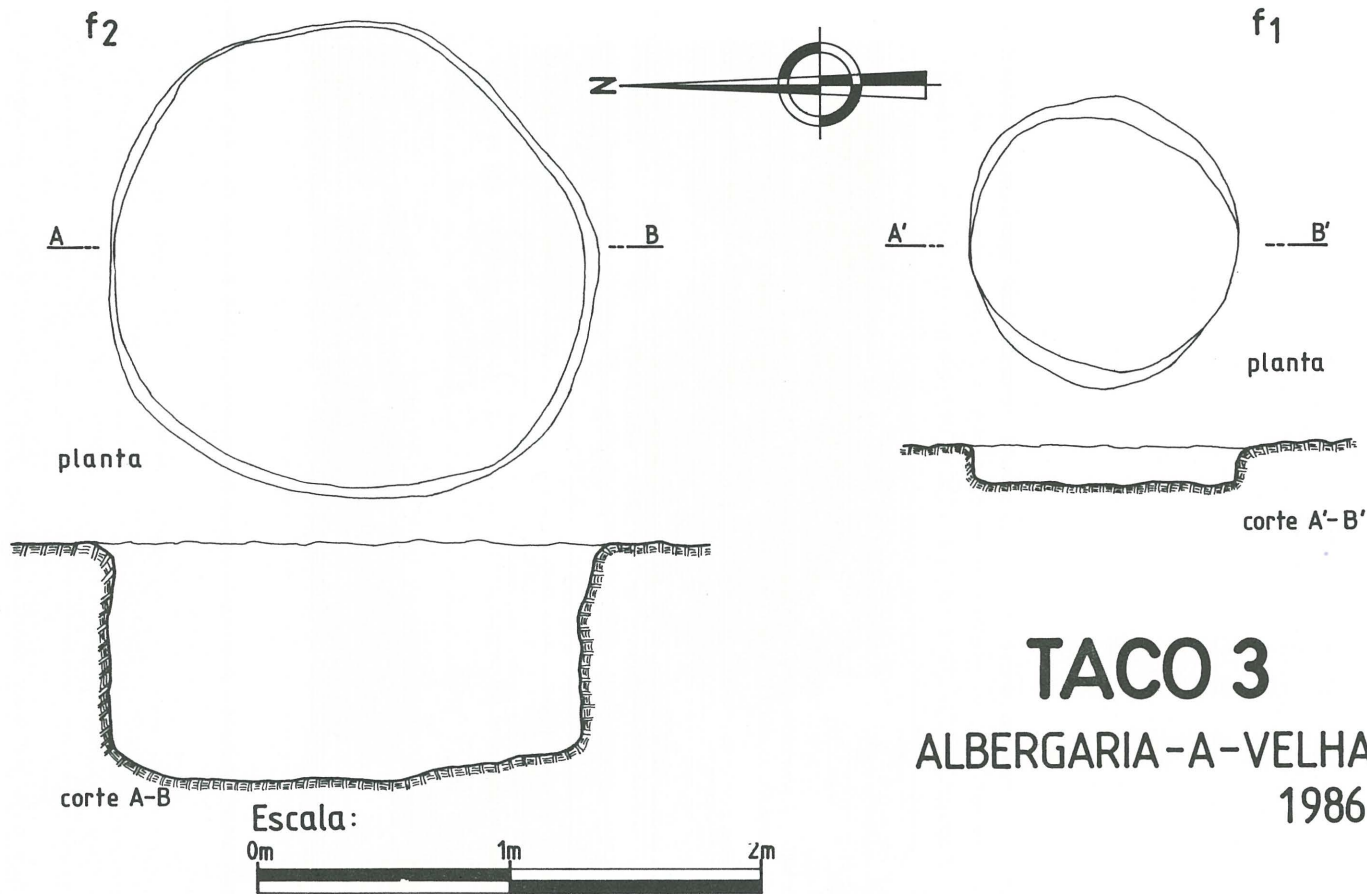
3 — Aspecto geral do «murete» de envolvimento da câmara funerária (Fot. do A.)



Planta da área escavada da mamoa 3 do Taco (Arr. gráf. de J. A. Coelho).



Aspecto da área deposicional em fossa, na fase inicial dos trabalhos, podendo-se observar o seu enchimento. Refira-se a existência, no seu interior, de um esteio em xisto, de que aflora uma ponta (Fot. do A.).

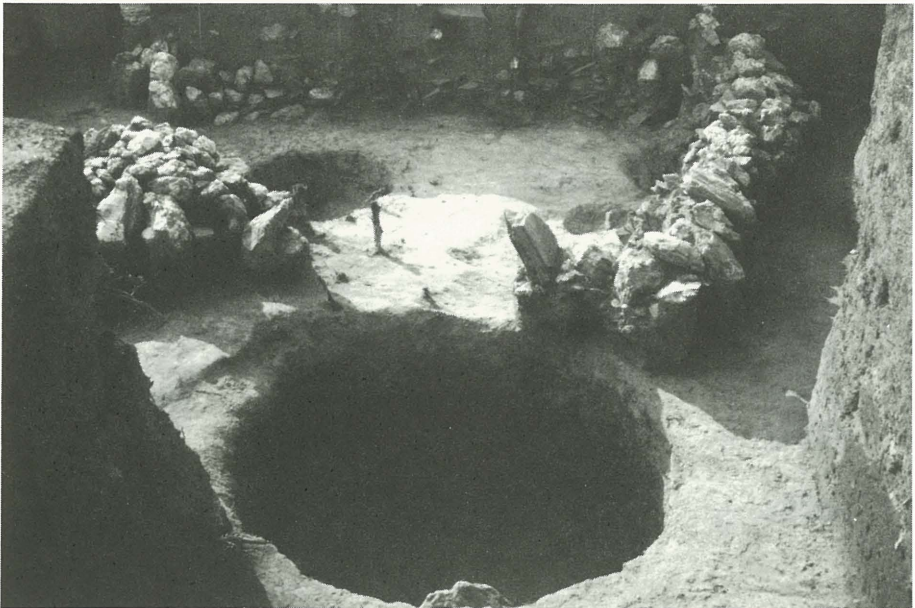


# TACO 3

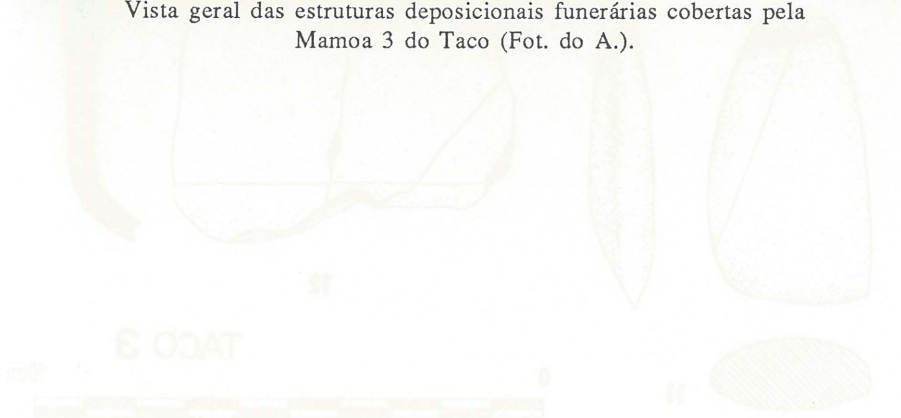
## ALBERGARIA-A-VELHA

### 1986

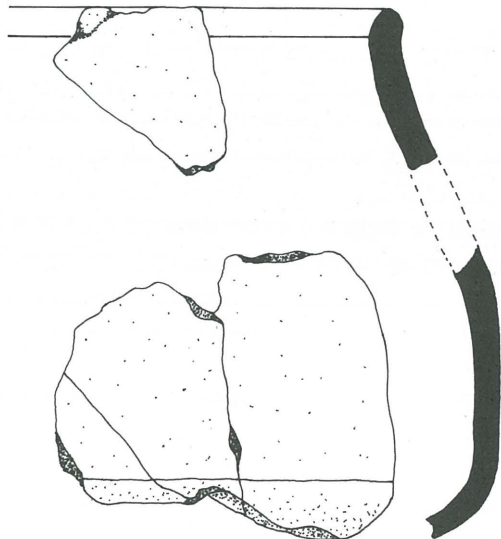
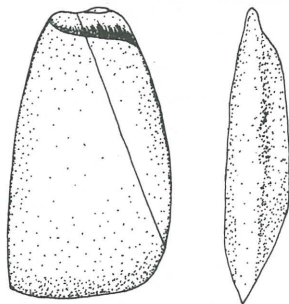
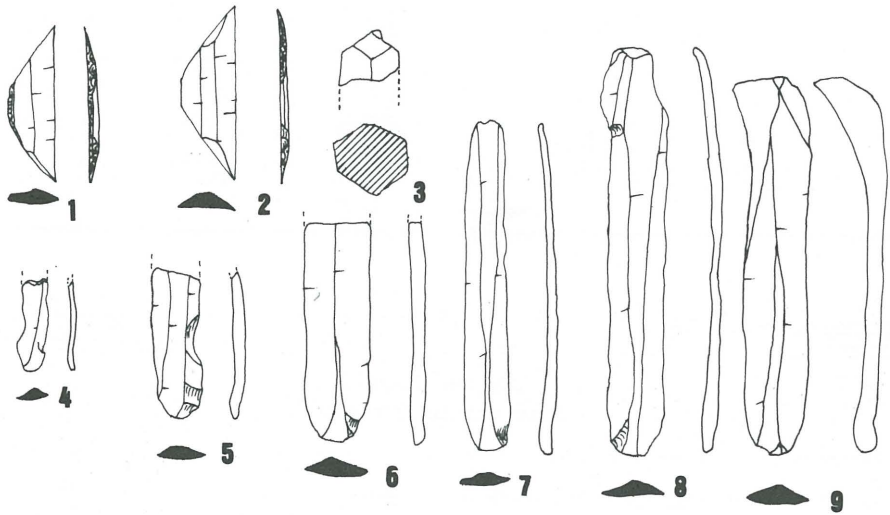
Planta e corte de ambas as fossas, correspondendo a menor, possivelmente, à vala de implantação de um esteio e, a maior, F2, a uma área deposicional mortuária (Arr. gráf. de J.A. Coelho).



Vista geral das estruturas deposicionais funerárias cobertas pela Mamoa 3 do Taco (Fot. do A.).



Esquema do plano da Mamoa 3 do Taco (Os fragmentos do recipiente cerâmico foram encontrados no fundo da F2) (Des. do A.).



12

TACO 3



Espólio arqueológico da Mamoa 3 do Taco (Os fragmentos do recipiente cerâmico foram assinalados no fundo da F2) (Des. do A.).